
ÍNDICE

Prefácio

Introdução Geral

Introdução à Epístola de Judas

Capítulo 1

PREFÁCIO ÀS CARTAS DE JOÃO E JUDAS

As Cartas de João são da maior importância pela luz que lançam sobre o pensamento e a teologia do Novo Testamento, e pela informação que proporcionam sobre a organização da Igreja em seus primeiros tempos. E há poucos livros que mostram com maior clareza os perigos das heresias e das correntes de pensamento errôneas que brotavam dentro da Igreja mesma.

Embora não há muitos Comentários excepcionais sobre estas Cartas, os que existem são de primeira categoria. Há comentários sobre o texto grego. O de A. E. Brooke no *International Critical Commentary* é um tesouro de informação. O de B. F. Westcott nos Comentários Macmillan é caracterizado por sua original combinação de precisão erudita e cálida devoção. Há comentários sobre o texto inglês. O de A. Plummer no *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, embora de antiga data, já que foi publicado em 1883, segue sendo um contributo com excelente e de soma utilidade.

Contudo, a contribuição sobressalente sobre estas Cartas é aquela que escreveu C. H. Dodd no *Moffat Commentary*. É, sem lugar a dúvida, um dos melhores Comentários na língua inglesa, mesmo quando se baseia no texto inglês e não sobre o texto grego. Teria resultado fastidioso detalhar cada uma de minhas dívidas a C. H. Dodd; só posso dizer aqui e agora que dificilmente haja uma página deste livro que não lembre uma dívida para com ele.

Pode ser que as Cartas de João não figurem entre os livros mais lidos do Novo Testamento. É minha esperança e minha súplica que este Comentário consiga fazer ver freqüentemente o valor que encerra e sua relevância.

A breve Carta de *Judas* é um livro muito pouco conhecido. Está em estreita ligação com 2 Pedro, visto que esta em grande medida se apóia nela e a contém. É uma Carta muito difícil de entender, inclusive para os eruditos da Bíblia, já que transcorre num âmbito de pensamento e representações totalmente diferente. Toma muito de seu pensamento, imagens e ilustrações, não do Antigo Testamento mas sim dos livros que foram escritos entre o Antigo e o Novo Testamento, livros virtualmente desconhecidos para nós mas imensamente populares em seus próprios dias. Por essa razão em várias oportunidades foi necessário dedicar-lhe muito espaço, e deve ser lido em estreita relação com 2 Pedro. Mas estou seguro de que o esforço mental de lê-lo à luz do anterior valerá a pena.

Judas usualmente é estudado não em forma isolada mas sim conjuntamente com 1 e 2 Pedro. No *International Critical Commentary* os três livros são estudados em conjunto por C. Bigg. No *Moffatt Commentary* é incluído no volume *The General Epistles*, preparado pelo próprio James Moffatt. Mais uma vez as três Cartas são tratadas em conjunto por E. H. Plumptre no *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. O mais extenso Comentário sobre ela aparece no volume de J. B. Mayor sobre 2 Pedro e Judas nos Comentários Macmillan. No *The Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um breve e excelente trabalho de M. R. James.

Se Judas tiver sido esquecido, foi injustamente, porque há poucos livros no Novo Testamento que, adequadamente compreendidos, mostram mais vividamente os riscos das falsas doutrinas e do ensino ético errado que ameaçavam a Igreja primitiva.

Espero que este livrinho capacite a seus leitores para compreender melhor a Judas, e assim valorizá-lo como é devido.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1960.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros

do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA DE JUDAS

A Carta descuidada

Poderíamos dizer sem medo de equívoco que para a maioria dos leitores modernos, ler a pequena carta de Judas é uma tarefa incômoda do que uma empresa proveitosa. Há dois versículos de *Judas* que todos conhecemos —a conhecida e magnífica doxologia com que finaliza a Carta:

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!”

Mas, além destes dois grandes versículos, Judas é bastante ignorada e muito pouco lida, precisamente porque foi escrita de acordo com o pensamento e linguagem de seu tempo. Surge sobre um pano de fundo de pensamento, em resposta a uma situação que descrevem com imagens e citações que são para nós totalmente estranhas. Fora de toda dúvida, terá batido naqueles que a leram ou a ouviram pela primeira vez, como uma martelada e como uma clarinada chamando a defender a fé. Moffatt refere-se a Judas como "uma formidável cutilada para despertar às Igrejas". Mas como disse J. B. Mayor, um dos mais conhecidos editores de Judas: "Para um leitor moderno é mais curiosa que edificante, com

exceção do princípio e do final". Tudo isto é, em si, uma das grandes razões para nos levar ao estudo de Judas; porque quando entendemos o pensamento de Judas e discernimos a situação em que está escrevendo, sua Carta adquire o maior interesse para a história e a compreensão da Igreja primitiva, e de não menor pertinência para o dia de hoje. Em realidade houve épocas na história da Igreja, e especialmente avivamentos, em que Judas não distou muito de ser o mais importante dos livros do Novo Testamento. Começemos, pois, simplesmente apresentando a substância da Carta, sem esperar no momento as conclusões e achados que deixaremos para mais tarde.

Um grande perigo

A intenção de Judas tinha sido escrever um tratado sobre a fé que todos os cristãos compartilham; mas a tarefa teve que ser posta de lado em vista da aparição de muitos homens cuja conduta e pensamento significavam uma ameaça e um sério perigo para a Igreja cristã (versículo 3). Em vista dessa situação era necessário nem tanto expor a fé como convocar a todos os cristãos para sua defesa. Certas pessoas se introduziram na Igreja e estavam muito empenhadas em fazer da graça de Deus uma desculpa para a imoralidade mais descarada, e negavam o único e verdadeiro Deus e a Jesus Cristo, o Senhor (versículo 4). Eram homens imorais em seu comportamento e hereges em sua fé.

As advertências

Judas lança suas advertências contra esses homens. Que lembrem o destino dos israelitas. Tinham chegado sãos e salvos até a fronteira de Israel, mas não puderam entrar na Terra Prometida por causa de sua incredulidade (versículo 5). A geração de israelitas que tinha saído do Egito não pôde entrar na Terra Prometida por causa de seu temor e falta de fé quando chegaram a suas fronteiras (Números 13:26; 14:29). Um

homem podia ter recebido a graça de Deus, mas se então incorria em desobediência e incredulidade podia perdê-la. Os anjos tinham sido anjos cheios da glória dos céus, mas quando chegaram à Terra corromperam às mulheres mortais com sua luxúria (Gênesis 6:2) e agora estão aprisionados nos abismos das trevas, aguardando o momento do juízo (versículo 6). Aquele que se rebela contra Deus, necessariamente deve ficar sujeito a juízo. As cidades da Sodoma e Gomorra se entregaram aos vícios imorais e à luxúria, e sua destruição em fogo é uma tremenda ameaça para todos aqueles que procedem da mesma maneira (verso 7).

Uma vida equivocada

Esses homens eram sonhadores com sonhos maus; mancham sua carne e falam mal dos anjos (versículo 8). Ninguém, nem sequer o arcanjo Miguel, atreveu-se a proferir juízo contra os anjos, nem mesmo contra os anjos maus. Ficou a cargo do arcanjo Miguel sepultar o corpo de Moisés. O demônio tentou impedi-lo, reclamando para si o corpo de Moisés. Miguel até em tais circunstâncias não disse nada mau contra o demônio, mas sim lhe disse simplesmente: "O Senhor te repreenda" (versículo 9). Os anjos devem ser respeitados, até os anjos maus e hostis. Mas estes maus homens condenam tudo o que não entendem, e como coisas espirituais estão mais além de seu entendimento. Entendem os instintos carnis e se deixam governar por eles como bestas selvagens que são (versículo 10).

São como Caim, o assassino cínico e mesquinho; são como Balaão, cujo único propósito foi lucrar, e que deixou as pessoas inundadas em pecado; são como Coré, quem se rebelou contra uma legítima autoridade de Moisés, mas foi tragado pela terra por sua arrogante desobediência (versículo 11). São como as rochas traiçoeiras nas quais pode encalhar um barco; têm seus próprios seguidores, com aqueles que se associam, destruindo assim um comunhão cristã; enganam a outros com suas promessas, como nuvens que anunciam chuvas longamente esperadas,

mas passam de longe pelo céu; são como árvores sem raízes nem frutos, que não dão nenhum bom fruto; como um espuma das ondas joga sobre as praias algas e ressaca, eles arrojam a espuma de suas desavergonhadas ações. São como estrelas errantes que se negam um conservar sua órbita, e que se inundam nos abismos (versículo 13). Muito tempo atrás falou deles o profeta Enoque, que profetizou sua destruição (versículo 15). Murmuram contra toda genuína autoridade e disciplina, como murmuraram os filhos de Israel contra Moisés, no deserto; estão descontentes com a parte que Deus lhes outorgou; a luxúria os governa tiranicamente; seu falar é arrogante, jactancioso e altivo. São lisonjeiros adutores dos grandes para tirar proveito (versículo 16).

Palavras para os que permanecem na fé

Depois de castigar os homens perversos com esta corrente de invectivas, Judas detém-se naqueles que são fiéis. Estes podiam ter esperado que tudo isto acontecesse, porque já os apóstolos tinham antecipado que se levantariam homens perversos (versículos 18-19). Mas o dever de todo cristão é edificar sua vida sobre o fundamento da santíssima fé; aprender a pedir no poder do Espírito Santo; lembrar as condições do pacto ao qual Deus os chamou; esperar na misericórdia de Jesus Cristo (versículos 20-21).

Quanto aos enganadores e os licenciosos — alguns deles podem salvar-se por misericórdia enquanto vacilam ainda quanto a seu proceder; outros têm que ser arrebatados do fogo, e em todo seu trabalho de redenção, o cristão deve dispor desse piedoso temor que ama o pecador mas não o seu pecado, e evitar a contaminação daqueles aos quais quer salvar (versículos 22-23).

E em todo momento o acompanhará o poder de Deus, que pode guardar o de toda a queda, e levá-lo sem mancha e com alegria perante sua presença (versículos 24-25).

Os hereges

Quais são os hereges aos que Judas anatematiza, e quais são suas crenças, e qual seu estilo de vida? Isso Judas nunca nos diz. Ele não era um teólogo, mas sim, como diz Moffatt, "um simples dirigente honesto da Igreja". "Mais que descrever, denuncia" as heresias que ataca. Não pretende argumentar nem refutar, porque escreve como quem "sabe quando a indignação é mais eficaz que um argumento". Assim, pois, devemos fazer nossas próprias deduções a partir da própria Carta. Podemos deduzir três coisas com relação a esses hereges.

(1) Eram antinomianos. Estes sempre existiram na Igreja. São pessoas que pervertem a graça. A posição do antinomiano sustenta que a Lei morreu, e que agora vive sob a graça. As prescrições da Lei já não têm nenhuma validade; poderão ser aplicadas a outras pessoas, mas já não a ele. Ele pode fazer precisa e absolutamente o que bem quiser. A graça é suprema; a graça pode perdoar qualquer pecado. Quanto maior o pecado, maior a oportunidade para que superabunde a graça (Rom. 6). O corpo carece de importância; importa só aquilo que jaz no profundo do espírito. Todas as coisas pertencem a Cristo, e em consequência todas são dEle. E portanto para ele não há nada proibido.

Desta maneira os hereges em Judas fazem da graça uma desculpa para a mais flagrante imoralidade (versículo 4); até praticam vícios inomináveis e vergonhosos contra natura, igual ao povo de Sodoma (versículo 7). Mançam a carne e imaginam que isso não é pecar (versículo 8). Permitem que seus baixos instintos governem suas vidas (versículo 16). Aqueles eram homens cujo argumento fundamental consistia em que desde que estavam sob a graça, a Lei já não era pertinente e suas demandas éticas já não eram obrigatórias. Pretendiam ser tão espirituais, que para eles o pecado tinha deixado de existir. Sustentavam que, se amavam a Deus com seus corações podiam fazer com seus corpos o que quisessem.

Exemplos atuais daquelas velhas heresias

Um fato curioso e também trágico é que a Igreja nunca tenha estado totalmente livre deste antinomianismo, e é natural que florescesse com maior vigor naquelas épocas em que se redescobriu a maravilha da graça.

Ressurge com os "ranterers" do século XVII. Estes eram panteístas e antinomianos. Um panteísta crê que Deus é, literalmente, todas as coisas. Literalmente, *todas* as coisas são de Cristo, e Cristo é o fim da Lei. Falavam de "Cristo neles", e não prestavam atenção à Igreja nem a seus ministros, e menosprezavam a Escritura.

Um deles, chamado Bottomley escreveu: "Não é seguro ir à Bíblia para ver o que outros disseram e escreveram a respeito da mente de Deus, mas sim ver o que Deus fala em mim, e seguir a doutrina e sua direção em mim".

Quando George Fox os rechaçou por suas práticas lascivas, eles lhe responderam: "Nós somos Deus". Isto pode parecer muito bonito, mas muito freqüentemente resultava, como disse João Wesley, "um evangelho da carne". Seu argumento era que "a blasfêmia, o adultério, as bebedeiras e o roubo não eram pecaminosos a menos que a pessoa acusada o pensasse assim".

Quando Fox esteve prisioneiro na Charing Cross foram vê-lo, e o ofenderam muitíssimo pedindo tabaco e bebida. Juravam terrivelmente, e quando Fox os repreendeu, justificaram-se dizendo que a Escritura diz que Abraão, Jacó, José, Moisés, os sacerdotes e até o anjo, todos tinham jurado. Ao que Fox replicou que Aquele que era antes de Abraão ordenou "Não jurem de maneira nenhuma". Richard Baxter disse que "combinaram uma maldita doutrina de libertinagem que os conduziu a todas as abomináveis sujeiras da vida; ensinavam... que Deus olhava não as ações do homem exterior, mas sim as do coração, e que para o puro, todas as coisas são puras (até as coisas proibidas) e, desse modo, conforme o permitido por Deus, usavam as mais horrendas blasfêmias, e

muitos deles cometiam usualmente toda classe de pecados sexuais. Os desmedidos excessos desta seita fizeram que se extinguisse rapidamente". Sem dúvida, muitos dos "rangers" eram decididamente insanos: sem dúvida, muitos deles foram prejudiciais e deliberadamente sensuais; mas sem dúvida alguma, também, muitos deles eram pessoas sinceras, ainda que equivocadas, que interpretaram mal o significado da graça e o que significa estar livre da lei.

Tempo depois, João Wesley teve problemas com os antinomianos. Diz que eles pregavam um evangelho de carne e sangue. No Jenninghall, Wesley disse que "os antinomianos tinham trabalhado com muito empenho a serviço do Demônio". E em Birmingham disse que "os ferozes, impuros, brutos e blasfemos antinomianos tinham destruído totalmente a vida espiritual da congregação. Fala-nos de um tal Roger Bali que se tinha intrometido na congregação de Dublin. No começo, tinha-lhes parecido um homem tão espiritualmente íntegro que a congregação pensou que seria uma pessoa adaptada para o serviço e o ministério da Igreja. Mas logo se deixou ver tal como era, "um enganador e da mais abominável mentalidade, ao ponto que uma de suas idéias era que um crente tem direito sobre todas as mulheres". Não comungava porque sob a graça um homem "não devia manusear, gostar nem tocar". Não pregava e abandonou os serviços da Igreja, porque, dizia: "O amado Cordeiro é o único pregador".

Wesley, a propósito de ilustrar suas posições relata em seu *Jornal* uma conversa que teve com um deles em Birmingham. Ocorreu desta maneira: "Crê você que não tem nada que ver com a lei de Deus?". "Assim é. Eu não estou sob a lei; vivo pela fé". "Crê você que desde que vive pela fé tem direito a tudo no mundo?" "Claro que sim. Tudo me pertence, visto que Cristo me pertence". "Então você pode apropriar-se de qualquer coisa em qualquer momento? Suponhamos que se lhe ocorre tirar algo de uma loja, sem que seu proprietário fique sabendo". "Claro que posso, se quiser, porque é meu. Só que não quero ofendê-lo". "E crê que tem direito a todas as mulheres do mundo?". "Sim, se elas

aceitarem". "E não é isso um pecado?" "Sim, para aquele que pensa que é pecado; mas não para os que são livres em seu coração".

Em muitas ocasiões Wesley se encontrou com essas pessoas, e o mesmo com George Fox. João Bunyan, também, teve que lutar contra esses "ranters" que proclamavam absoluta liberdade da lei moral, e que procuravam atentar contra a ética dos cristãos mais escrupulosos. "Quiseram me acusar de ignorante e legalista, porque pensavam que só eles tinham alcançado a perfeição que lhes permitia fazer o que lhes dava vontade, sem pecar". Um deles, a quem Bunyan conheceu, "entregou-se a todo tipo de imundícies, especialmente obscenidades... e sempre zombava de todos os apelos à sobriedade. Quando me esforçava em reprovar suas atitudes, ria ainda mais".

Os hereges de Judas existiram em todas as épocas da Igreja cristã e, mesmo quando não chegam aos extremos, ainda há muitos que no profundo de seus corações brincam com a graça de Deus, e a fazem uma desculpa para pecar.

Negar a Deus e a Jesus Cristo

(2) Não há nenhuma dúvida do antinomianismo e da flagrante imoralidade dos hereges aos quais Judas condena em sua Carta. As outras duas faltas que lhes atribuí não são tão claras em seu significado. Acusa-os de que "negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo" (versículo 4, RC). Nos melhores manuscritos gregos, a palavra Deus não aparece nesta frase; e a tradução mais provável deveria ser: "que negam a nosso único Dono e Senhor Jesus Cristo". A doxologia final traz "ao único Deus". (A palavra *sábio* não aparece nos melhores manuscritos). Esta expressão, *único Deus*, ocorre também em Romanos 16:27; 1 Timóteo 1:17; i Timóteo 6:15. A reiteração da palavra *único* é significativa. Se Judas falar de nosso *único* Dono e Senhor e, se fala do *único* Deus, é provável pensar que deve ter havido aqueles que questionavam a unicidade de Jesus Cristo e de Deus, e criam em outros

Donos e Senhores e em outros deuses. Podemos então traçar tal linha de pensamento na Igreja primitiva, e harmonizá-la com qualquer outra evidência que a Carta insinue?

Muito freqüentemente no Novo Testamento entramos novamente em contato com esse estilo de pensamento conhecido como gnosticismo. A idéia básica do gnosticismo é a existência de um universo dualista, com dois princípios eternos. Os gnósticos sustentavam que desde o princípio existiram o espírito e a matéria. O espírito é essencial e absolutamente bom; a matéria é essencialmente defeituosa, má e imperfeita. Dessa matéria imperfeita foi criado o mundo. Mas Deus é espírito puro, e precisamente por isso mesmo não lhe seria possível tocar nem manipular a matéria nem trabalhar com ela. Daí que resultasse impossível, conforme criam, nenhum contato entre Deus e a matéria.

De que maneira ocorreu então a criação? Do mesmo Deus emanaram éons ou emanações; cada um desses éons, numa longa série e cadeia e escala, afastou-se mais de Deus. No final dessa longa cadeia, extremamente longe de Deus, houve um eón capaz de entrar em contato com a matéria; e este eón, divindade distante e secundária criou o mundo. Aqui não termina o pensamento gnóstico. À medida que aumentava a distância entre Deus e os éons, estes eram mais ignorantes de Deus; e não só mais ignorantes, mas também mais hostis. E o eón criador, no extremo final da cadeia, foi totalmente ignorante e ao mesmo tempo totalmente hostil ao Deus verdadeiro. O mundo, conforme criam os gnósticos, foi criado por uma divindade secundária, ao mesmo tempo ignorante e hostil ao verdadeiro Deus. Mas os gnósticos iam ainda mais longe: identificavam o verdadeiro Deus com o Deus do Novo Testamento, o Deus a quem Jesus Cristo revelou aos homens; e identificavam a divindade secundária, ignorante e hostil com o Deus do Antigo Testamento. Consideravam o Deus do Antigo Testamento totalmente ignorante de e hostil ao Deus do Novo Testamento. Segundo eles o viam, o Deus da criação era diferente do Deus da revelação e da redenção. Por outro lado, o cristianismo crê num *único* Deus. Para os

cristãos, só há um Deus na criação, na providência e na redenção. Os gnósticos negavam ao Deus único, e introduziam duas divindades hostis entre si.

Esta era a explicação gnóstica do pecado. O pecado e o sofrimento e a tristeza e toda imperfeição existem, em primeiro lugar, porque a criação se realizou com matéria essencialmente imperfeita e má e, em segundo lugar, por um Deus ignorante.

Esta maneira gnóstica de pensar conduz a um resultado curioso: curioso mas perfeitamente lógico: se o Deus do Antigo Testamento for ignorante e hostil ao verdadeiro Deus, deduz-se que as pessoas às quais esse Deus ignorante prejudicou, castigou e afligiu são, de fato, *boas* pessoas. Evidentemente o Deus hostil e ignorante seria hostil para com as pessoas que serviam ao Deus real e verdadeiro. Os gnósticos invertiam, por assim dizer, o Antigo Testamento, e consideravam seus heróis como vilões e a seus vilões como heróis. Havia uma seita desses gnósticos chamada os "ofitas", porque adoravam à serpente do Éden; havia entre eles aqueles que viam a Caim, a Coré e a Balaão como os grandes heróis do Antigo Testamento. Agora, esses mesmos são os que Judas usa como exemplos trágicos e terríveis do pecado. Podemos pois dar por sentado que os hereges que Judas ataca eram gnósticos que negavam a unicidade de Deus, que consideravam o Deus da criação como totalmente diferente do Deus da redenção, que viam no Antigo Testamento um Deus ignorante e inimigo do autêntico Deus e que, em consequência, invertiam o Antigo Testamento e viam os pecadores veterotestamentários como servos do verdadeiro Deus, e a seus santos como servos do Deus hostil e ignorante.

Mas não só negavam a unicidade de Deus, como também negavam "nosso único Dono e Senhor Jesus Cristo". Quer dizer, também negavam a unicidade de Jesus Cristo. De que maneira harmoniza isto último com as idéias gnósticas, até onde as conhecemos? Já vimos que, segundo eles pensavam, Deus tinha estabelecido uma série de éons entre Ele próprio e o mundo.

Os gnósticos consideravam Jesus Cristo como um desses éons. Ele era somente um entre muitos na cadeia de seres entre o homem e Deus. Pôde ter ocupado um lugar muito elevado nessa escala, pôde ter estado muito perto de Deus; entretanto, ele foi só um entre muitos outros; e bem pôde ter ocorrido que, conforme passava o tempo, pudesse ser superado e viesse aos homens uma revelação maior de Deus. Os gnósticos não pensavam em Jesus como nosso *único* Dono e Senhor; só era um entre os muitos elos entre Deus e o homem, mesmo que fosse o mais alto e o mais próximo de todos.

Há ainda algo mais a respeito desses hereges na Carta de Judas, algo que concorda com o que sabemos sobre os gnósticos. No versículo 19 Judas refere-se aos hereges como "os que *causam divisões*". A palavra empregada por Judas é um termo grego muito incomum, *apodiorizein*. Esta tem a raiz *horos*, que significa *termo* ou *limite*. Os hereges são os que estabelecem algum tipo de diferenciações classistas dentro da comunhão dos cristãos. De que distinções, divisões e classificações se trata? Já vimos que entre Deus e os homens se estende uma série interminável de éons ou seres espirituais. Agora, o propósito do homem deve ser entrar em comunhão, em contato com Deus. Para obtê-lo, a alma humana deve escalar esta longa escala e atravessar a infinita série de elos que o separam de Deus. Os gnósticos sustentavam que para levar a bom termo semelhante empresa, era necessário um conhecimento e estudo muito especial, elaborado, profundo e esotérico. Tão profundo é esse conhecimento que só muito poucos podem alcançá-lo. Os gnósticos, portanto, dividiam os homens em duas classes, os *pneumatikoi* e os *psyquikoi*. O *pneuma* é o espírito do homem, o que o assemelha a Deus; e os *pneumatikoi* eram as pessoas *espirituais*, pessoas cujos espíritos eram tão nobres e refinados, e sábios e altamente desenvolvidos e intelectuais, que estavam em condições de subir a longa escada para chegar até Deus.

Esses *pneumatikoi*, diziam os gnósticos, estavam espiritual e intelectualmente tão equipados que podiam chegar a ser como Jesus —

Irineu diz que alguns deles pensavam que os verdadeiramente *pneumatikoi* podiam chegar a ser *melhores* que Jesus e alcançar a união direta com Deus. Por outro lado, a *psyque* é simplesmente o princípio da vida física. Todas as coisas viventes têm *psyque*; a *psyque* é algo que pode estar presente tanto na criação animada como nas plantas que florescem. Os *psyquikoi* eram gente comum, que tinha vida física, mas cujo *pneuma*, espírito, não estava em condições de tentar sequer o esforço intelectual para alcançar a sabedoria que lhes permitisse percorrer o longo caminho que os separava de Deus. Assim, pois, os gnósticos dividiam aos homens em duas categorias: a dos *pneumatikoi*, a *elite* espiritual, os poucos escolhidos capazes de embarcar na busca de Deus, e os *psyquikoi*, os que tinham vida física, mas cuja vida espiritual era completamente inadequada até para tentar essa longa caminhada intelectual. Os *pneumatikoi* conformavam uma minoria muito pequena e extremamente seleta; os *psyquikoi*, pelo contrário, integravam a vasta maioria, a gente comum.

Salta à vista que este tipo de classificação estabelecia uma aristocracia espiritual dentro da própria Igreja; produzia inevitavelmente esnobismo e divisão, introduzia na comunidade a pior distinção de classes e a pior arrogância.

Assim, pois, os hereges que Judas atacava eram homens que negavam a unicidade de Deus, dividindo-o num ignorante Deus criador e num Deus verdadeiramente espiritual; eram homens que negavam a unicidade de Jesus Cristo, a quem viam só como um entre muitos outros elos na cadeia que separa a Deus dos homens; homens que erigiam distinções de classe dentro da Igreja, e que limitavam a comunhão com Deus aos poucos intelectuais.

A negação dos anjos

(3) Infere-se, além disso, que esses hereges negavam e insultavam os anjos. O versículo 8 nos diz que “rejeitam a dominação, e vituperam

as autoridades”. *Autoridade e dignidade* são duas palavras que entre os judeus descrevem a hierarquia dos anjos. O versículo 9 é uma referência à história da *Assunção de Moisés*. Ali diz-se que o arcanjo Miguel foi encarregado de sepultar o corpo de Moisés, mas o diabo se fez presente e, opondo-se reclamou o corpo para si. Miguel não formulou nenhuma acusação contra o demônio e não disse outra coisa senão "O Senhor te repreenda". Se o arcanjo Miguel, em semelhante ocasião não disse nada contra outro anjo, o príncipe dos anjos maus, evidentemente ninguém deve falar mal dos anjos.

A crença judia a respeito dos anjos era muito complicada. Cada nação dispunha de seu anjo protetor. Cada pessoa mais velha e cada menino tinham seu anjo guardião. Todas as forças da natureza, o vento e os mares, o fogo e todo o resto, estavam sob o controle dos anjos. Bem pôde dizer-se: "Até a mais pequena das flores tem seu anjo". Mas aqueles hereges atacavam os anjos. É muito provável que dissessem que os anjos eram servos do Deus criador, o Deus hostil e ignorante, e que um cristão não tinha nada a ver com eles. Não estamos muito seguros com relação ao que há por trás desta questão, mas bem sabemos que a todos seus outros enganos os hereges adicionavam um absoluto desprezo pelos anjos; e isto é o que a Judas parece mau.

Judas e o Novo Testamento

Devemos examinar agora as questões referentes à data e o autor de Judas. Judas teve alguma dificuldade para entrar no cânon do Novo Testamento; é um desses livros cuja posição sempre foi insegura, pelo que demorou bastante em ganhar total e definitiva aceitação como parte do Novo Testamento. Exporemos brevemente a opinião dos pais e eruditos mais conhecidos da Igreja primitiva.

Judas está incluído no Cânon Muratório, que data de cerca do ano 170 d.C, e que bem pode ser considerado como a primeira lista semi-oficial aceita pela Igreja de Roma naquela época. Isto é tão mais estranho

quando lembramos que dito Cânon não inclui em sua lista nem a Hebreus nem a 1 Pedro. Mas a partir de ali, Judas é por muito tempo considerada duvidosa. Em meados do século III, Orígenes conheceu e utilizou Judas, mas falava perfeitamente que havia muitos que questionavam seu direito como Escritura. Eusébio, o famoso erudito de mediados do século IV, levou a cabo um deliberado exame dos diferentes livros que se usavam e catalogou a Judas como uma obra controvertida, rechaçada por muitos e possivelmente espúria. Jerônimo, que produziu a Vulgata, tinha suas dúvidas com relação a Judas. E precisamente em Jerônimo achamos uma das grandes razões que havia para duvidar da Carta: trata-se da maneira em que Judas cita alguns livros que não estavam no Antigo Testamento nem jamais foram considerados geralmente como Escritura, os apócrifos que foram escritos no tempo que separa o Antigo do Novo Testamento.

Para dar dois exemplos, no versículo 9, a referência ao arcanjo Miguel disputando com o demônio o corpo de Moisés, está tomada de um livro apócrifo judeu chamado *A Assunção de Moisés*. Nos versículos 14 e 15 Judas confirma e cimenta seu argumento com uma citação da profecia, como usava fazer-se em todos os escritores do Novo Testamento; mas a citação de Judas, de fato, está tomada do *Livro de Enoque*, a quem Judas parece considerar como Escritura e profecia. Diz-nos Jerônimo que foi esse hábito de Judas de citar livros não escriturários o que causou tanta suspicácia em muitas pessoas; e pelo fim do século III, em Alexandria, Dídimos defendeu a Judas das mesmas acusações que já lhe tinham formulado. Talvez o mais estranho em Judas, seja que usa autores não escriturários; como outros autores do Novo Testamento usam os profetas; e nos versículos 17 e 18 emprega palavras atribuídas aos apóstolos que é impossível identificar.

Judas é, pois, um dos livros que demorou longo tempo em ganhar seu lugar no Novo Testamento; mas pelo século IV pode dizer-se que tinha já seu lugar assegurado.

A data

Há provas bem aceitáveis de que Judas não é um livro dos primeiros tempos. Judas fala da fé que alguma vez foi dada aos santos (versículo 3). Esta maneira de falar nos induz a pensar atrás, à distância, como querendo infiltrar naquela época longínqua em que havia um corpo de fé, a ortodoxia. Nos versículos 17 e 18 insiste a que se lembrem das palavras que haviam dito os apóstolos do Senhor Jesus Cristo. Tudo isto parece surgir num momento histórico em que os apóstolos já tinham desaparecido, e quando a Igreja buscava retornar a suas fontes. A atmosfera de Judas é a atmosfera de um livro que aponta para trás.

Mas junto com isto, devemos assinalar que, conforme nos parece, 2 Pedro utiliza a Judas em muitas passagens. Pode notar-se que o segundo capítulo de 2 Pedro e Judas apresentam a mais estreita conexão possível. Não há dúvida de que um dos dois escritores se apropriou do trabalho do outro e o incorporou no seu próprio. Em termos gerais, é muito mais provável que o autor de 2 Pedro incorporasse a Judas em sua Carta como um todo, que Judas passasse, sem razão aparente, só uma seção de 2 Pedro. Agora, se crederem que 2 Pedro recorre a Judas, esta não pode ser muito tardia, ainda que não seja tampouco muito anterior.

É verdade que Judas põe seu olhar nos apóstolos; mas também é verdade que, com exceção de João, lá por 70 d.C. todos os apóstolos tinham morrido. Relacionando o fato de que Judas volta sobre os apóstolos, com o fato de que 2 Pedro emprega a Judas, uma data mais ou menos adaptada para Judas poderia ser entre os anos 80 e 90 de nossa era.

A autoria de Judas

Façamos a seguinte pergunta: Quem foi este Judas, que escreveu a Epístola? chama-se a si mesmo servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago. Há no Novo Testamento cinco pessoas chamadas Judas.

(1) Há o Judas de Damasco, em cuja casa Paulo esteve orando depois de sua conversão no caminho a Damasco (Atos 9:11).

(2) Há o Judas Barsabás, uma figura predominante nos concílios da Igreja, quem junto com Silas levou a Igreja de Antioquia à decisão do Concílio de Jerusalém quando as portas da Igreja se abriram aos gentios (Atos 15:22, 27, 32). Este Judas também era profeta.

(3) Há Judas Iscariotes.

Nenhum destes três jamais foi considerado seriamente como autor da Carta.

(4) Havia no grupo apostólico um segundo Judas. João o chama Judas, não o Iscariotes (João 14:22). Na lista dos apóstolos que traz Lucas há um apóstolo a quem se chama Judas, *irmão de Tiago* (Lucas 6:16; Atos 1:13). Se nos atemos somente a esta versão, bem podemos pensar que já temos um muito firme candidato para a paternidade da Carta e, verdadeiramente Tertuliano crê que o autor da Carta é o apóstolo Judas. Mas no grego este homem é chamado simplesmente *Judas de Tiago*. Mas ocorre que este é um modismo muito comum no idioma grego, e quase sempre significa não *irmão de*, mas sim *filho de*; e *Judas de Tiago* na lista dos Doze não é Judas o *irmão* de Tiago, mas sim Judas o *filho* de Tiago, como todas as mais recentes traduções anotam corretamente.

(5) Mas ainda fica outro Judas no Novo Testamento, o Judas que era irmão de Jesus (Mateus 13:55; Marcos 6:3). E se algum dos Judas do Novo Testamento escreveu esta Carta, este Judas deve ser o provável autor, porque só ele pôde chamar-se realmente *irmão de Tiago*, que foi também um dos irmãos de Jesus.

A pergunta é, pois: Pode tomar-se esta pequena Carta como de Judas, o irmão do Senhor? De ser assim, esta Carta poderia resultar de muito particular interesse por si mesmo. Quais são as objeções ao fato de que Judas, o irmão do Senhor, fosse o autor da Carta?

(1) Pergunta-se: Se Judas era o irmão de Jesus, por que não o menciona? Por que se identifica como irmão de Tiago, e não como irmão

de Jesus? Certamente poderia ser uma aceitável explicação dizer que Judas evita humildemente tomar para si um título de tanta importância. Mesmo quando tenha sido irmão de Jesus Cristo, Judas pôde preferir chamar-se com humildade servo de Jesus Cristo, pois Jesus não só era seu irmão; era também seu Senhor. Ainda mais: Judas o irmão de Tiago com toda segurança nunca saiu da Palestina; a Igreja que conhecia seria a de Jerusalém, da qual Tiago era indubitavelmente o chefe. Se Judas escrever às Igrejas radicadas na Palestina, então era natural sublinhar essa relação com Tiago. Seria mais surpreendente, quando pensamos nisso, que Judas se chamasse a si mesmo irmão de Jesus que servo de Jesus Cristo.

(2) Objetou-se que Judas se chame a si mesmo servo de Deus e apóstolo. Servo de Deus era no Antigo Testamento um título para os profetas. Deus não faria nada sem antes revelar-lhe a seus servos, os profetas (Amós 3:7). O que era um título profético no Antigo Testamento, mais tarde foi um título apostólico no Novo Testamento. Paulo fala de si mesmo como servo de Jesus Cristo (Romanos 1:1; Filipenses 1:1). É mencionado como servo de Deus nas Epístolas pastorais (Tito 1:1), e esse foi também o título que se dá a si mesmo Tiago (Tiago 1:1). Há duas respostas. Primeiro, o título servo de Deus não está restringido aos Doze, já que Paulo mesmo o dá a Timóteo (Filipenses 1:1); e, mesmo quando se considera como restringido ao uso apostólico no mais amplo sentido da palavra, achamos os irmãos do Senhor associados com os onze, depois da Ascensão (Atos 1:14) e Judas, assim como Tiago, bem pôde ter estado entre eles; e lemos que os irmãos de Jesus tiveram sua importância na tarefa missionária da Igreja (1 Coríntios 9:5). Semelhantes evidências contribuiriam para provar que Judas, o irmão do Senhor, pertenceu ao círculo dos apóstolos, e que o título servo de Deus pode aplicar-se a ele perfeitamente.

(3) Aduz-se que o Judas da Palestina, irmão de Jesus, não pôde ter escrito o grego desta Carta, já que sua língua era o aramaico e não o grego. Não é um argumento convincente. Judas pôde conhecer e falar o

grego, já que se tratava da *lingua franca* do mundo antigo, falada por todos junto com seus respectivos idiomas originais. O grego de Judas é rústico e enérgico, e bem pôde estar ao alcance de Judas escrevê-lo por sua própria conta e, de não poder fazê-lo, apelar à ajuda de um tradutor, como fez Pedro com Silvano, quando escreveu sua primeira Carta.

(4) Poderia aduzir-se que a heresia contra a qual escreve Judas é o gnosticismo; e o gnosticismo é um modo de pensar caracteristicamente grego antes que judia... e o que faria o Judas da Palestina escrevendo aos gregos? Mas ocorre algo estranho com a heresia que Judas ataca: trata precisamente do oposto à ortodoxia judia. A dinâmica e o controle de toda a atividade judia era a sagrada e santa Lei; o ponto de partida da fé judia era a existência de um Deus único; a crença judia nos anjos estava altamente desenvolvida e elaboradamente trabalhada. Agora, não é difícil aceitar que quando alguns judeus ingressaram-se na fé cristã fossem completamente ao outro extremo. Não é estranho que um homem, quando é, por assim dizer, *libertado de algo*, vá ao extremo completamente oposto. É fácil imaginar a um judeu que, tendo vivido durante toda sua vida sob a lei, ao descobrir a graça salte repentinamente ao antinomianismo em reação contra o legalismo formal. Não custa muito imaginar a um judeu que toda sua vida creu na existência de um Deus solitário reagir e passar subitamente ao extremo oposto. Não custa muito imaginar a um judeu que, tendo vivido num universo povoado por anjos que todo o controlam, reagir violentamente contra todos os anjos juntos. É fácil ver, pelo visto, nas heresias que Judas ataca, a muitos judeus que chegaram à fé cristã mais como renegados do judaísmo que como cristãos sinceramente convencidos. Bem pôde tratar-se de judeus que viram no cristianismo nem tanto uma nova maneira de viver como uma violenta e extrema reação contra sua própria fé.

(5) Finalmente, argumenta-se que se se tivesse sabido que tinha sido escrito por Judas, o irmão de Jesus, não teria demorado tanto para ganhar um lugar junto às obras aceitas no cânon. Por tratar-se de um irmão de Jesus teria sido aceita em seguida como Escritura. Mas a

verdade é que nos últimos anos do século I, a Igreja estava composta totalmente por gentios. Os judeus eram olhados como inimigos e difamadores da Igreja. De fato, na vida de Jesus seus próprios irmãos tinham sido seus inimigos; e bem pôde acontecer que uma Carta tão judia como Judas, teria tido que lutar com os preconceitos para poder entrar no Novo Testamento.

Judas, o irmão de Jesus

Se esta Carta não for de Judas, o irmão de Jesus, que outras alternativas ficam? Em total são dois.

(1) A Carta é indubitavelmente obra de um homem chamado Judas, mas de quem nada mais se pode saber. Esta hipótese encontra duas dificuldades. Primeiro, a coincidência de que este Judas fosse também irmão de Tiago. Segundo, seria difícil explicar como uma Carta tão pequena chegou a ter autoridade alguma, se for obra de alguém que é completamente desconhecido.

(2) Sugere-se que a Carta é pseudônima, quer dizer, que foi escrita por algum outro e atribuída a Judas. Esse proceder era comum no mundo antigo. No período entre o Antigo e o Novo Testamento se escreveram dezenas de livros, muitos dos quais foram atribuídos a Moisés, a Enoque, a Baruque, a Isaías, a Salomão e a muitos outros mais. Ninguém via nada mal nisso. Mas devemos formular duas observações a respeito de Judas.

(a) Em cada uma dessas publicações o nome ao qual se atribui o livro era sempre famoso. Tratava-se do nome de alguém a quem todo mundo conhecia como um de seus grandes profetas ou reis ou heróis. Tratava-se de um nome que ninguém podia confundir, que todos podiam reconhecer facilmente. Mas este Judas, o irmão do Senhor, era uma pessoa totalmente obscura. Ninguém soube nada a respeito dele. Não é incluído entre os nomes mais ilustres da Igreja primitiva. Seu nome não significa absolutamente nada. Há um relato que diz que no tempo do Domiciano se procurou evitar o crescimento do cristianismo. Chegaram

notícias à autoridade romana de que certos descendentes de Jesus ainda viviam, entre eles os netos de Judas. Os romanos pensaram que era possível que a rebelião pudesse organizar-se em torno desses homens, que com o tempo poderiam chegar a converter-se em cabeças e dirigentes de uma revolução cristã. Foi-lhes ordenado comparecer perante os tribunais romanos. Quando o fizeram, viu-se que eram caejados filhos do trabalho e foram despachados por serem inofensivos e carecer de importância. É evidente que Judas foi Judas o obscuro. Não pôde haver nenhuma razão para atribuir o livro a um homem a quem ninguém conhecia.

(b) Quando se escrevia um livro atribuindo-o a uma pessoa muito conhecida, não se deixava em dúvida ao leitor quanto ao nome ao qual se atribuía. esclarecia-se perfeitamente, sublinhando-o, o nome da pessoa a quem se atribuía. Se esta Carta tivesse sido publicado como obra de Judas o irmão do Senhor, certamente lhe teria dado este título de maneira que ninguém pudesse confundir-se; e o certo é que a identidade do autor resulta muito confusa, que é o reverso do que pôde ter ocorrido se o livro tivesse sido deliberadamente pseudônimo.

Quando lemos Judas, salta à vista a mentalidade do judeu; suas referências são tais que só um judeu poderia entendê-las, e só um judeu poderia captar suas alusões. É singelo e rústico, mas vívido e pitoresco. Não há dúvida que se trata da obra de um singelo pensador antes que de um teólogo. Encaixa com Judas, o irmão do Senhor. É atribuída a seu nome, e não teria havido razão alguma para tal atribuição a menos que de fato o escrevesse.

Nossa opinião é que não nos equivocamos se pensamos que esta pequena Carta pertence realmente a Judas, o irmão do Senhor.

Judas 1

[O que significa ser cristão? - 1-2](#)

[O chamado de Deus - 1-2 \(cont.\)](#)

[A defesa da fé - 3](#)

Perigos internos - 4
Os terríveis exemplos - (1) O destino de Israel - 5-7
Os terríveis exemplos - (2) O destino dos anjos - 5-7 (cont.)
Os terríveis exemplos - (3) Sodoma e Gomorra - 5-7 (cont.)
O desprezo pelos anjos - 8-9
O Evangelho da carne - 10
As lições da história - 11
Descrição dos homens ímpios - 12-16
O egoísmo dos homens ímpios - 12-16 (cont.)
O destino da desobediência - 12-16 (cont.)
Características dos homens ímpios - 12-16 (cont.)
As características do erro - 17-19
As características do erro - 17-19 (cont.)
As características da bondade - 20-21
Resgatando os perdidos - 22-23
Doxologia final - 24-25

O QUE SIGNIFICA SER CRISTÃO?

Judas 1-2

Poucas coisas falam mais eloqüentemente de um homem que a maneira em que fala de si mesmo. Poucas coisas são mais ilustrativas que os títulos pelos quais um homem quer ser conhecido. Judas chama-se a si mesmo servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago. Imediatamente, isto diz duas coisas a respeito de Judas.

(1) Judas era um homem muito feliz com seu segundo lugar. Não foi nem de longe tão conhecido como Tiago; e está contente de que o conheçam como o *irmão de Tiago*. Comportava-se da mesma maneira que André, o irmão de Simão Pedro (João 6:8). André também foi apresentado e conhecido com relação a seu irmão muito mais famoso. Tanto Judas como André puderam zangar-se e ressentir-se contra seus dois irmãos mais velhos, a cuja sombra viveram, mas tanto um como

outro devem ter desfrutado do grande dom de ocupar dispostos e alegres o segundo lugar.

(2) A única expressão honrosa que Judas pôde consentir-se foi a de chamar-se a si mesmo *servo de Jesus Cristo*. O termo grego é *doulos*, e significa mais que *servo*; significa *escravo*. Jesus era o Amo e Judas o escravo. Quer dizer, Judas vê um único propósito em sua vida: estar sempre à disposição de Jesus, no serviço de sua causa. A glória maior que um cristão pode conceber é a de ser útil a Jesus Cristo.

Nesta introdução, Judas emprega três palavras para descrever o cristão.

(1) Cristãos são aqueles *chamados por Deus*. O grego para *chamar* é *kalein* e se emprega em três contextos diferentes.

(a) É a palavra para convocar ao *trabalho*, ao *dever* e à *responsabilidade*. É a palavra que se usa para convocar um homem a participar do serviço a sua cidade, a sua comunidade, a seu país. O cristão é chamado a trabalhar, a cumprir, a ser responsável no serviço a Cristo.

(b) É a palavra usada para convidar a alguém a uma *festa* ou um *festival*. Emprega-se para convidar alguém a celebrar e festejar uma ocasião feliz. O cristão é chamado a desfrutar da alegria de ser convidado de Deus.

(c) É a palavra com que se chama um homem a *juízo*. É citado perante o tribunal para que responda por si mesmo. O cristão será chamado a comparecer perante o trono de Cristo. O cristão é o homem chamado a responsabilizar-se por Cristo, a desfrutar em Cristo e a comparecer no juízo de Cristo.

(2) Os cristãos são os *amados em Deus*. Este grande acontecimento determina a natureza do chamado, chamar um homem implica chamá-lo para amá-lo e para ser amado por Ele. Deus chama os homens ao dever e ao trabalho, mas nem esse dever nem esse trabalho são um fardo, mas sim um privilégio. Deus chama os homens ao serviço, mas não é o serviço de uma tirania, mas da comunidade. Finalmente, Deus chama os

homens a juízo, mas não se trata somente de um juízo de justiça, mas também de um juízo de amor.

(3) Os cristãos são aqueles *guardados em Jesus Cristo*. O cristão jamais fica só; Jesus Cristo é sempre sentinela de sua vida e companheiro de seu caminho. O cristão não apenas é chamado, mas também guardado.

O cristão é o homem chamado por Deus, amado em Deus, e guardado em Cristo.

O CHAMADO DE DEUS

Judas 1-2 (continuação)

Antes de passar a outra passagem, pensemos um pouco mais a respeito do chamado de Deus, e procuremos ver o que significa tal chamado.

(1) Paulo fala de ser chamado a ser *apóstolo* (Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1). Em grego, a palavra *apóstolo* é *apostolos*, e provém do verbo *apostellein*, que significa *enviar*; um apóstolo é uma pessoa *enviada*. O apóstolo é a pessoa enviada ao mundo por Cristo e para Cristo. Quer dizer, o cristão é embaixador de Cristo. É enviado ao mundo para falar de Cristo, para agir por Cristo, para viver por Cristo. Em suas mãos reside a dignidade de Cristo. Segundo viva sua vida, conseguirá interessar a outros em Cristo. O cristão está no mundo, entre os homens, como representante e enviado de Jesus Cristo.

(2) Paulo fala de ser chamados a ser *santos* (Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:2). A palavra para *santo* é *hagios*. A idéia pressuposta na raiz desta palavra é *diferente*. O sábado é santo porque é diferente dos outros dias; e Deus é soberanamente santo porque é diferente dos homens. Ser chamado a ser *santo* é ser chamado a ser *diferente*. Viver em santidade é viver uma vida em que toda palavra, pensamento e ação são conscientemente julgados e decididos pelo exemplo e a presença de Jesus Cristo. O mundo tem seus próprios critérios e sua própria escala

de valores. A diferença na vida cristã é que para o cristão Cristo é o único exemplo, e a lealdade a Cristo o único valor no mundo.

(3) O cristão é chamado *segundo o propósito de Deus* (Rom. 8:28). O chamado de Deus chega a todos os homens, ainda que nem todos o aceitem. Isto significa que Deus tem um propósito para cada homem. Alguém disse que o azar é o que estamos obrigados a fazer, e o destino aquilo que nos propomos fazer. Cada homem é um homem do destino, porque cada homem tem um lugar nos propósitos de Deus. E o cristão é o homem que se submete aos propósitos de Deus para ele e sua vida.

Paulo tem muito a dizer desta chamada de Deus, e só podemos expressá-lo sumariamente. O chamado de Deus põe os homens diante de uma formidável esperança (Efésios 1:18; 4:4). O chamado de Deus deveria ser uma experiência integradora, visto que todos os homens deveriam ficar unidos pela convicção de que todos eles têm parte no propósito e no chamado de Deus (Efés. 4:4). A chamada de Deus é uma chamada *suprema* (Filip. 3:14), uma chamada que põe os pés do homem no caminho às estrelas; trata-se de uma chamada *celestial* (Heb. 3:1), uma chamada que faz o homem pensar a respeito das coisas invisíveis e eternas, que chega a ele de um mais além e vai para além de seu penetrante olhar; é uma chamada *santa*, um chamado, como vimos, a ser diferente, um chamado à consagração a Deus. É um chamado que pode cobrir até as tarefas cotidianas de um homem comum. Seu trabalho de cada dia é parte disso para o qual é chamado (1 Cor. 7:20). É uma chamada que provém de Deus, e Deus não altera nem modifica seu propósito (Romanos 11:29). É uma chamada que não faz nenhuma classe de diferencia, que passa por em cima de todas as categorias e classificações do mundo (1 Coríntios 1:26). Ainda que seja um chamado para com Deus, não deixa o homem sem nada que fazer. O cristão deve ser merecedor de sua chamada (Efésios 4:1; 2 Tessalonicenses 1:11), e toda a vida deve converter-se num longo esforço para fazer seguro esta chamada (2 Pedro 1:10). A chamada de Deus é o privilégio, o desafio e a inspiração da vida cristã.

A DEFESA DA FÉ**Judas 3**

Aqui temos a ocasião desta Carta. Judas se tinha comprometido a escrever um tratado sobre a fé cristã, a fé que todos os cristãos compartilham, mas lhe chegaram notícias de que uns homens maus e embusteiros tinham estado disseminando ensinamentos funestos por toda parte e então abandonou seu projeto original para escrever esta Carta. Judas compreendia cabalmente o dever de ser o guardião do rebanho de Deus. Estava ameaçada a pureza de sua fé, e ele foi em defesa deles e da fé. Isto significou deixar de lado seu tratado, mas há momentos em que é muito mais oportuno escrever brevemente para o presente que um longo tratado para o futuro. Pode ser que Judas jamais perdesse as esperanças de escrever o tratado que planejava, mas o fato é que fez muito mais pela Igreja ao escrever esta urgente pequena Carta que se tivesse preparado um longo e detalhado tratado sobre a fé. Nesta passagem se anotam certas afirmações sobre a fé, que nós compartilhamos.

(1) *A fé é algo que nos é dado.* Os fatos da fé cristã não são algo que fabricamos ou descobrimos por nossa própria conta. No verdadeiro sentido da palavra, eles conformam uma *tradição*, quer dizer, algo que foi irradiado de geração em geração até chegar a nós. Remontam-se numa ininterrupta cadeia de tradição até Jesus Cristo mesmo. Podemos agregar algo mais. Os atos da fé cristã são coisas que não descobrimos por nossa própria conta. Portanto, é verdade que a tradição cristã não conforma algo irradiado simplesmente através de frios textos escritos; é uma realidade que se transmite de pessoa a pessoa através das gerações. A cadeia da tradição cristã é uma cadeia viva, cujos elos são homens e mulheres que experimentaram em suas próprias vidas a dinâmica e a maravilha dos fatos.

(2) *A fé cristã é uma realidade que nos é dada de uma vez e para sempre.* Quer dizer, há na fé cristã uma qualidade invariável. Isso não significa que cada época não deva ser redescoberta, repensada e

experimentada novamente; mas quer dizer que há uma substância inalterável nela, e o centro permanente e inalterável da fé é que Jesus Cristo veio ao mundo, viveu e morreu para trazer salvação aos homens.

(3) A fé cristã é *algo que é confiado aos que vivem consagrados a Deus*. Quer dizer, a fé cristã não é possessão de ninguém em particular: é propriedade da comunidade da Igreja. Não é questão de interpretações pessoais. A fé cristã se manifesta dentro da Igreja, é preservada pela Igreja e compreendida dentro da Igreja.

(4) A fé cristã *deve ser defendida*. Cada cristão deve ser um defensor da fé. Se a tradição cristã nos chega de geração em geração, quer dizer que cada uma dessas gerações deve preservá-la incorruptível, pura, como em suas origens. Mas há tempos quando fica difícil. A palavra que Judas emprega para *defender* é *epagonizesthai*, que contém a raiz do termo *agonia*. A defesa da fé pode resultar uma empresa muito custosa; mas a defesa e a preservação da fé é um dever que recai sobre cada uma das gerações de cristãos. E nosso dever consiste em defender aquilo que recebemos.

PERIGOS INTERNOS

Judas 4

Aqui enfrentamos o perigo que faz com que Judas deixe de lado o tratado que havia planejado escrever em princípio; Judas toma a pena e escreve esta Carta abrasadora. O perigo vinha *de dentro da Igreja*. Não consistia precisamente na ameaça de perseguições. Havia um câncer no próprio coração da Igreja.

Certos homens *se introduziram furtivamente* (v. 4, TB) A palavra grega (*pareisduein*) é extremamente expressiva. Emprega-se para as palavras lisonjeadoras e sedutoras do advogado ardiloso que se infiltra nas mentes dos juízes e jurados; usa-se para um proscrito que retorna e entra secretamente no país que o expulsou; emprega-se para referir-se a um processo sutil e paulatino de penetração de inovações na vida de um

país, que finalmente mina e acaba com as leis ancestrais. Indica sempre uma secreta, furtiva insinuação de algo prejudicial numa sociedade ou numa situação concreta.

Algumas pessoas se infiltraram na Igreja. Eram as pessoas aos quais o juízo aguarda. Eram criaturas ímpias, desprovidas de caridade em seu pensamento e em seu comportamento. Judas assinala dois de seus rasgos mais salientes.

(1) Pervertiam a graça de Deus, fazendo-a uma simples desculpa para uma flagrante libertinagem. A palavra grega traduzida *libertinagem* é *aselgeia*. Trata-se de uma palavra dura e terrível. O adjetivo correspondente é *aselges*. A maioria das pessoas, quando cometem uma falta, procuram ocultá-la. Essas pessoas têm suficiente consciência para conservar pelo menos algum sentimento de vergonha; sentem bastante respeito pela decência comum para não querer ser descobertos. Mas o *aselges* é o homem que perdeu a tal ponto seu honra, sua decência e sua vergonha, que não se importa com o fato de outrem ver sua imoralidade. Não se trata dele querer ostentar arrogante e orgulhosamente suas faltas; simplesmente sucede que ele pode fazer publicamente as coisas mais vergonhosas, porque para ele já não tem importância absolutamente nem sua vergonha nem sua decência.

Esses homens estavam indubitavelmente tingidos de gnosticismo. O gnosticismo era a corrente de pensamento que sustentava que só o espírito era bom, e a matéria essencialmente má e, em conseqüência, o corpo também. E sendo assim, já não importa o que um homem faça com seu corpo. Uma vez que seu corpo é mau, pode satisfazer seus desejos luxuriosos porque não tem nenhuma importância o que faça com seu corpo. E ainda mais, esses homens criam que, uma vez que a graça de Deus era suficiente para cobrir qualquer tipo de pecado, podiam pecar como quisessem. De toda maneira seriam perdoados; quando mais se pecar, maior é a graça; portanto, por que nos preocupar com o pecado? A graça se encarregará dele. Assim transformavam a graça em justificação para o pecado.

(2) Negavam a nosso Senhor e Dono, Jesus Cristo. Há mais de uma maneira de negar a Jesus Cristo.

(a) Pode-se negá-lo no momento das perseguições e abandoná-lo a bem da segurança pessoal.

(b) Pode-se abandoná-lo por conveniências pessoais. Há ocasiões em que é muito mais conveniente ocultar que manifestar o fato de que se é cristão. Há ocasiões em que alguém se vê tentado a esquecer convenientemente seu cristianismo.

(c) Pode-se negar a Jesus Cristo com a vida e a conduta. Os lábios podem dizer que se crê em Jesus Cristo, mesmo quando as palavras, as atitudes e a vida inteira o neguem, e façam mentirosa a profissão de fé.

(d) Pode-se negar a Jesus Cristo dizendo coisas errôneas sobre Ele. Se aqueles homens eram gnósticos, teriam duas idéias errôneas a respeito de Jesus. Primeiro, visto que a matéria é má e o corpo é mau, sustentariam que Jesus não teve realmente um corpo, que só *aparentou* ter um corpo, que não foi outra coisa senão um tipo de espírito fantasmal sob a forma aparente de um corpo.

O termo grego para *parecer* é *dokein*; e esses homens se chamaram *Docetistas*. (Não há letra *c* em grego; e na palavra *docetista* a letra *k* do grego se translitera por *c* e, em conseqüência, este *c* deveria pronunciar-se forte como um *k*). Esses homens negavam a humanidade e a real encarnação de Jesus Cristo. Em segundo lugar, negavam a unicidade de Jesus. Criam que havia muitíssimos estágios entre a matéria imperfeita deste mundo e o espírito perfeito de Deus, e que Jesus era só um desses tantos estágios.

Não é estranho que Judas se alarmasse. Via-se diante de uma situação em que alguns homens se infiltraram na Igreja para perverter a graça de Deus, fazendo dela uma justificação e até um motivo para pecar com a maior falta de vergonha e libertinagem possíveis, e que negavam a humanidade e a soberania de Jesus Cristo.

Judas 5-7

Judas formula uma advertência para aqueles que tinham pervertido a fé e a conduta da Igreja. Diz-lhes que lhes está lembrando coisas que eles conhecem perfeitamente. Em certo sentido é correto dizer que toda a pregação dentro da Igreja cristã não consiste em apresentar novas verdades, mas em confrontar os crentes com as verdades que já conhecem, mas que esqueceram ou estão menosprezando com toda intenção. A pregação da Igreja é freqüentemente nada mais que lembrar ao homem quem é ele e as coisas que já conhece.

Para compreender os primeiros dois exemplos da história que Judas cita devemos compreender o seguinte: os homens que estavam corrompendo a Igreja não se consideravam a si mesmos como inimigos da Igreja nem do cristianismo, mas sim como pensadores de vanguarda, acima do povo comum, como uma *elite*, uma aristocracia espiritual. Viam-se si mesmos como líderes e não como corruptores da Igreja. Judas escolhe este exemplo para adverti-los que, mesmo quando alguém receba o mais valioso dos privilégios, assim mesmo pode fracassar desastrosamente; lembra-lhes que até aqueles que receberam os maiores dons e privilégios de Deus não podem considerar-se salvos, mas sim devem permanecer ainda em permanente vigilância contra os erros.

Judas escolhe o primeiro exemplo da própria história de Israel. Resgata seu relato do livro de Números, capítulos 13 e 14. A história é assim: a mão poderosa de Deus tinha libertado a seu povo da escravidão no Egito. Que ato de libertação mais antigo que esse podia haver jamais? A direção de Deus tinha levado a salvo o seu povo através do deserto, até as fronteiras da Terra Prometida. Acaso poderia haver-se manifestado maior providência de Deus que essa?

Nos próprios limites da Terra Prometida, em Cades-Barnéia, os israelitas enviaram doze espiões para informar-se antes de levar adiante a invasão definitiva. Os espiões retornaram com más notícias, exceto Josué

e Calebe; Os dez espiões disseram que os perigos a enfrentar eram terríveis, e que o povo era muito numeroso e estava muito armado, que não haveria possibilidades de salvação caso os enfrentassem, e que jamais poderiam estabelecer-se na Terra Prometida. Os israelitas rejeitaram o relatório de Josué e Calebe, aqueles que estavam a favor de avançar, e aceitaram os relatórios dos espiões restantes, aqueles que insistiam em que não havia nenhuma esperança. Tudo isto configurou um evidente ato de desobediência a Deus, uma evidência da desconfiança em Deus; e a conseqüência foi a sentença de Deus contra todos eles, menos para Josué e Calebe; quer dizer, todos os que tivessem mais de vinte anos não entrariam na Terra Prometida, mas andariam vagando pelo deserto durante quarenta anos, até morrer (Números 14:32-33; 32:10-13). Este era o terrível exemplo daqueles que tinham sido tirados do Egito, levados através do deserto e até perto dos próprios limites da Terra Prometida, mas que, apesar de tantas misericórdias, foram culpados de desobedecer e perder a fé, e que por conseguinte, receberam a morte vagando pelo deserto em lugar do descanso na Terra Prometida.

Esta figura empregada por Judas rondava pela mente de Paulo e do autor da Carta aos Hebreus (1 Coríntios 10: 5-11; Hebreus 3:18—4:2). Aqui estamos em face da evidência de que até o homem com grandes privilégios pode tropeçar em qualquer momento, desobedecendo ou perdendo sua fé.

O doutor Johnston Jeffrey nos conta que um homem muito famoso recusou categoricamente que se escrevesse sua biografia antes de morrer. "Vi", disse, "muitos homens tropeçarem na última volta."

João Wesley advertiu: "Portanto ninguém presuma de misericórdias passadas, como se elas estivessem isentas de risco."

Em seus sonhos John Bunyan viu que, até das portas do céu saía um caminho para o inferno.

A advertência de Judas a estes homens é que, grandes como fossem os seus privilégios, devem ter ainda muito cuidado de que não lhes

sobrevenha algum desastre; e esta é uma advertência a que cada um de nós faríamos bem em prestar atenção.

OS TERRÍVEIS EXEMPLOS – (2) O DESTINO DOS ANJOS

Judas 5-7 (continuação)

O segundo exemplo terrível que toma Judas é o da queda dos anjos.

Os judeus tinham uma bem desenvolvida doutrina e hierarquia dos anjos. Os anjos eram servos de Deus. Em realidade, os judeus criam que cada nação tinha seu anjo presidente. Na *Septuaginta*, a versão grega das Escrituras hebraicas, Deuteronomio 32:8 diz: "Quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos (anjos) de Deus" (B.J.). Quer dizer, cada nação tinha seu anjo presidente.

Os judeus criam numa queda dos anjos, e disto se fala bastante no *Livro de Enoque*, tão freqüentemente próximo ao pensamento de Judas. Quanto a esta queda dos anjos, podemos assinalar duas linhas de tradição.

(1) A primeira via a queda dos anjos como resultado da arrogância e da rebeldia; os anjos desobedeceram a Deus e se rebelaram contra Ele. Esta lenda girava especialmente ao redor do nome de Lúcifer, o portador da luz, o filho da manhã. Isaías escreve: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva!" (Isaías 14:12). Quando os setenta retornaram de sua missão e informaram a Jesus a respeito de seus êxitos, Jesus os preveniu contra a arrogância. Disse: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lucas 10:18). A idéia era que tinha havido uma guerra civil no céu, e que os anjos se levantaram contra Deus e foram expulsos do céu, e que Lúcifer tinha sido o chefe dessa rebelião.

(2) A segunda corrente da tradição encontra seu antecedente escriturário em Gênesis 6:1-4. Segundo esta linha de pensamento, os anjos foram seduzidos pela beleza das mulheres mortais; abandonaram o céu, seduziram a essas mulheres mortais, e assim pecaram.

No primeiro caso, a queda dos anjos era resultado da *arrogância*; no segundo caso, a queda dos anjos era resultado da cobiça das coisas proibidas.

Com efeito, Judas toma as duas idéias e as reúne. Diz que os anjos abandonaram seu estado original, quer dizer, ambicionaram uma posição e uma função que não eram para eles. Também diz que abandonaram o seu próprio domicílio, quer dizer, que deixaram os lugares celestiais e vieram à Terra para viver com as filhas dos homens.

Tudo isto nos é estranhamente remoto e desconhecido; move-se num mundo de pensamentos e em meio de histórias e tradições das que nos afastamos.

Mas a advertência de Judas é clara. Duas coisas arruinaram os anjos — o orgulho e a cobiça; e ainda que eram anjos, e ainda que o céu era sua habitação, e ainda que tinham estado na presença de Deus, não obstante pecaram, e por seu pecado estão reservados para o juízo. Para aqueles que leram e ouviram as palavras de Judas pela primeira vez, toda a linha de pensamento estava bem clara, porque Enoque teve muito que dizer a respeito dessa queda dos anjos, e de seu destino, e do juízo que deveriam aguardar.

Assim Judas falou com seu povo em termos que se podia entender perfeitamente; e lhes disse que se a luxúria e o orgulho tinham arruinado os anjos apesar de seus privilégios, também poderiam arruinar a eles. Os maus homens da Igreja eram tão orgulhosos a ponto de rebelar-se contra os ensinamentos desta, e pensar que eles sabiam muito mais. Seu estilo de vida era luxurioso; pervertiam a graça de Deus transformando-a em justificação de sua flagrante libertinagem; a luxúria tinha degradado os anjos, e também poderia degradá-los. Seja qual for o antigo pano de fundo das palavras de Judas, sua advertência ainda conserva seu valor. O orgulho que sabe mais que Deus, e o desejo das coisas proibidas, são o caminho à ruína no tempo e na eternidade.

OS TERRÍVEIS EXEMPLOS - (3) SODOMA E GOMORRA**Judas 5-7 (continuação)**

O terceiro dos exemplos escolhidos por Judas é o da destruição de Sodoma e Gomorra. Famosas por seus pecados, estas cidades foram arrasadas pelo fogo de Deus. Sir George Adam Smith, no *The Historical Geography of the Holy Land* assinala que:

"Nenhum outro incidente na história causou tanta impressão sobre o povo judeu, e que Sodoma e Gomorra são várias vezes usadas nas Escrituras como exemplos *por excelência* do pecado do homem e do juízo de Deus; até Jesus mesmo as emprega (Deuteronômio 29:23; 32:32; Amós 4: 11; Isaías 1:9; 3:9; 13:19; Jeremias 23:14; 49:18; 50:40; Sofonias 2:9; Lamentações 4:6; Ezequiel 16:46, 49, 53, 55; Mateus 10:15; 11:24; Lucas 10:12; 17:29; Romanos 9:29; 2 Pedro 2:6; Apocalipse 11:8). "O resplendor de Sodoma e Gomorra se esparrama ao longo de toda a história bíblica."

A história do fim da maldade de Sodoma e Gomorra é contada em Gênesis 19:1-11, e o trágico relato de sua destruição na passagem imediatamente seguinte (Gênesis 19:12-28). O pecado de Sodoma é uma das mais horríveis histórias. Ryle o chamou "um incidente repulsivo". O verdadeiro horror do incidente está um tanto dissimulado por uma elegância da linguagem hebraica que em certo modo via o evento. Dois anjos visitantes chegaram a Ló, e por insistência deste, entraram em sua casa para descansar. Estando eles no interior da casa, os habitantes de Sodoma rodearam a casa, exigindo de Ló que levasse os visitantes para fora, porque queriam *conhecê-los*. Em hebraico o verbo *conhecer* refere-se às relações sexuais. Diz-se, por exemplo, que Adão *conheceu* sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim (Gênesis 4:1). O que queriam fazer os homens de Sodoma era ter relações sexuais antinaturais, homossexuais, com os dois visitantes de Ló. Estavam entregues à sodomia, palavra com que se lembra horrendamente esse pecado.

Depois disto, Sodoma e Gomorra foram consumidas da face da Terra. As cidades vizinhas eram Zoar, Admá e Zeboim (Deuteronômio 29:23; Oséias 11:8). Este desastre teve lugar no espantoso deserto da região do Mar Morto, uma região da qual Sir George Adam Smith diz: "Este tremendo vazio, esta parte das regiões infernais saído à superfície, este inferno com o Sol brilhante nele." Diz-se que essas cidades estavam ali, e que debaixo dessa terra calcinada, estéril e retorcida ainda arde o fogo eterno da destruição.

O terreno é betuminoso com petróleo por baixo, e Sir George Adam Smith conjectura que isso aconteceu desta maneira:

"Neste solo betuminoso ocorreu uma dessas terríveis explosões e conflagrações que ocorreram em terrenos parecidos da América do Norte. Em tais solos encontram-se reserva de petróleo e gás, e são repentinamente descarregadas por sua própria pressão ou pelos estremecimentos da Terra. O gás explode, projetando rumo à atmosfera enormes massas de petróleo que se precipitam como chuva com muita ferocidade, são tão inextinguíveis que flutuam ardendo sobre as águas."

Uma dessas erupções de fogo e chuva de granizo de chamas foi o que destruiu Sodoma e Gomorra. O tremendo deserto estava a apenas um dia de caminho de Jerusalém. Os homens nunca esqueceram o fogo de Sodoma e Gomorra, e o juízo de Deus sobre o pecado.

Assim, pois, Judas lembra a esses maus homens de seu tempo, a sorte que tiveram aqueles que muitos séculos antes tinham desafiado a lei moral de Deus. É razoável supor que aqueles homens contra os quais escreve Judas tinham caído também na homossexualidade e a sodomia e que estivessem pervertendo a graça de Deus para cobrir até esses pecados vergonhosos.

Judas insiste em que esses homens deveriam lembrar que o pecado e o juízo andam juntos, deveriam aprender da história, e arrepende-se a tempo.

O DESPREZO PELOS ANJOS**Judas 8-9**

Judas inicia esta passagem comparando os homens maus com os falsos profetas aos quais a Escritura condena. Deuteronômio 13:1-5 diz o que se deve fazer com "os profetas ou sonhadores de sonhos" que corrompem as nações e seduzem as pessoas de sua lealdade a Deus. Tais profetas merecem ser mortos sem misericórdia e exterminados. Um dos títulos para estes profetas foi o de "sonhador de sonhos", e os homens aos quais Judas ataca são falsos profetas, sonhadores de falsos sonhos, sedutores do povo, e como tais devem ser tratados. Seus falsos sonhos e seus falsos ensinamentos originavam duas coisas.

(1) Eles faziam corromper a carne. Já vimos as duas direções de seus ensinamentos a respeito da carne. Primeiro, a carne é totalmente má; apenas o espírito tem importância; portanto, a carne não interessa absolutamente, e os instintos do corpo podem ter expressão sem impedimento, obstáculo nem controle. Segundo, a graça de Deus é totalmente perdoadora e totalmente suficiente; portanto, o pecado não tem importância, porque a graça pode e deve perdoar todos os pecados. O pecado não é mais que o meio pelo qual se dá à graça oportunidade de operar. Esses erros dos falsos pensadores são evidentes; o que não está tão claro é no que consistia seu segundo erro.

(2) Desprezavam os anjos. As potestades superiores e o senhorio angélico são nomes para as diferentes posições de anjos dentro da hierarquia angélica. Isto segue imediatamente depois da citação de Sodoma e Gomorra como terríveis exemplos; e parte do pecado de Sodoma foi o desejo de seus habitantes de abusar dos anjos que visitaram a Ló (Gênesis 19:1-11). Os homens aos quais Judas ataca blasfemavam dos anjos. Para demonstrar terrível e agravante era o que faziam, Judas cita um exemplo, não da Escritura, mas sim de um livro apócrifo, intitulado *A Assunção de Moisés*. Uma das coisas chamativas de Judas é que freqüentemente fazia este tipo de citações, não da

Escritura, mas sim de livros apócrifos. Estas citações nos parecem muito estranhas; mas esses livros eram muito populares e vastamente utilizados na época em que Judas escrevia, e para os leitores de Judas essas citações seriam muito eficazes.

O relato da *Assunção de Moisés* conta o seguinte: A estranha história da morte de Moisés é relatada em Deuteronômio 34:1-6. A *Assunção de Moisés* agrega a esse relato a história posterior de como o corpo de Moisés foi entregue ao arcanjo Miguel para lhe dar sepultura. Então o diabo disputa com Miguel pelo corpo de Moisés. Base sua pretensão fundamentalmente em dois motivos. Primeiro, o corpo de Moisés era matéria; a matéria é má e, portanto, o corpo de Moisés lhe pertence, visto que a matéria é seu domínio. Segundo, Moisés era um assassino, pois acaso não tinha dado morte ao egípcio a quem viu castigar os hebreus? (Êxodo 2:11-12). E se Moisés tinha sido assassino, o diabo tinha direito a reclamar seu corpo.

Agora, o ponto que Judas assinala é este: Miguel era um arcanjo; o diabo era o diabo; Miguel estava empenhado numa tarefa que Deus lhe tinha encarregado; o demônio procurou impedir-lo dizendo que não tinha direito algum. Mas até em tais circunstâncias Miguel não falou nada mau do diabo, nem proferiu nenhuma acusação contra ele, mas sim lhe disse, simplesmente: "O Senhor te repreenda!" O que Judas quer destacar é que, se o maior dos anjos bons não quis dizer nada mau contra o maior dos anjos maus, até em circunstâncias como essas, então certamente nenhum homem pode falar mal de nenhum anjo.

Não sabemos o que teriam dito sobre os anjos aqueles homens aos quais atacava Judas. Talvez dissessem que os anjos não existiam, ou que eram maus e estavam a serviço do deus mau. Esta é uma passagem que, sem dúvida, significa muito pouco para nós, mas que, da mesma maneira, para não duvidar disso, configuraria um poderoso argumento contra aqueles aos quais Judas se dirigiu.

O EVANGELHO DA CARNE**Judas 10**

Judas diz duas coisas dos homens pervertidos aos quais ataca.

(1) Que criticam tudo o que não entendem. Qualquer coisa que escapa à sua órbita e à sua experiência, vêm-na como desprezível e carente de valor. Em suas vidas não há lugar para as coisas e valores espirituais; e, portanto, consideram todas as coisas espirituais com desdém e menosprezo. As coisas do Espírito “são discernidas espiritualmente” (1 Coríntios 2:14, NVI). Eles carecem de discernimento espiritual e, em consequência, são cegos a todas as realidades espirituais e as menosprezam.

(2) Deixam-se corromper pelas coisas que entendem. O que entendem são as demandas dos baixos instintos, que compartilham com os animais. Sua lei é a lei dos instintos desenfreados; seu modo de vida é deixar que os instintos que compartilham com os animais sigam seu curso; seus valores são os valores carnis; seu evangelho é um evangelho da carne. Os homens que Judas descreve perderam o sentido e consciência das coisas espirituais. As exigências de instintos animais são suas únicas realidades e normas de vida.

O terrível disto é que a primeira condição é o resultado direto da segunda. O trágico da vida é que ninguém nasce sem um sentido das coisas espirituais, mas que pode perder tal sentido, até o ponto de que para ele todas as coisas espirituais deixem de existir. Um homem pode perder qualquer de suas faculdades, se deixar de usá-la. Isto nós podemos ver em coisas tão simples como um jogo ou uma habilidade. Se deixamos de praticar um esporte, perdemos a habilidade para jogá-lo. Se deixarmos a prática de uma habilidade — como tocar piano — nós a perdemos. Alguma vez podemos aprender os rudimentos de outro idioma, mas se não o lemos ou falamos, nós o esquecemos.

Todos os homens podem ouvir a voz de Deus; todos os homens têm alguma consciência das coisas psíquicas, e todos os homens têm os

instintos animais dos quais, em realidade, depende a futura existência da espécie. Mas se um homem insiste no curso de sua vida em ignorar a Deus, se fechar seus ouvidos e seus olhos a todos os valores e normas e vozes espirituais, se fizer de seus instintos o único critério de seus desejos, e o único motor de seu comportamento, então pode chegar o momento em que já não possa ouvir a voz de Deus, quando se tiverem esquecido os valores espirituais e quando já não dispuser de outra coisa para orientar sua vida que de seus urgentes desejos. No final o homem pode chegar a um ponto em que não veja nem sequer a necessidade de exercitar o domínio próprio, quando não puder ver nem sequer a beleza da castidade, quando já não o atrair a pureza, e quando a única coisa realmente importante em seu mundo seja a satisfação dos impulsos, instintos e desejos que surgem de sua natureza animal. E é terrível chegar a ser surdo para com Deus. Mas assim eram os que Judas ataca.

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA

Judas 11

Judas acode agora à história dos hebreus para encontrar paralelos à frieza dos homens de seu próprio tempo; e dali tira os exemplos de três conhecidos pecadores.

(1) Primeiro apresenta a Caim, o homicida de seu irmão Abel (Gênesis 4:1-15). Na tradição hebréia Caim representava duas coisas.

(a) Era o primeiro homicida na história da humanidade; e, como diz *A Sabedoria de Salomão*, "... pereceu por dar morte em seu furor a seu irmão" (Sabedoria 10:3). É muito provável que Judas queira nos dizer que aqueles que enganam e seduzem a outros, não são mais que homicidas das almas dos homens e que, em conseqüência, são os descendentes espirituais de Caim.

(b) Mas na tradição e na doutrina hebréia Caim representa algo mais que isso. Em Filo representa o egoísmo e o amor próprio. No ensino rabínico, Caim é o tipo do homem cínico e cético.

O *Targum* de Jerusalém o representa dizendo: "Não há nem juízo nem juiz; não há outro mundo, nem nenhuma boa recompensa para o bom nem castigo sobre o mal; nem há compaixão alguma na criação do mundo nem em seu governo."

Para os pensadores hebreus Caim era o protótipo do incrédulo cínico, cético, ateu e materialista, que não cria nem em Deus nem na ordem moral do mundo e que, portanto, fazia quanto quisesse. Assim, Judas acusa a seus oponentes de desafiar a Deus e de negar a ordem moral do mundo. Ainda é verdade que o homem que escolhe pecar ainda tem que contar com Deus, e tem ainda que aprender, sempre com dor e muitas vezes tragicamente, que ninguém pode desafiar impunemente a ordem moral do mundo.

(2) O segundo é Balaão. No pensamento do Antigo Testamento, nos ensinamentos judeus e até no Novo Testamento (Apocalipse 2:14), Balaão é o grande exemplo daqueles que ensinaram Israel a pecar. No Antigo Testamento há duas histórias a respeito de Balaão. Uma é clara, e muito vívida e dramática. A outra é mais obscura, mas muito mais terrível; e é precisamente a segunda a que deixa seus rastros no pensamento e na doutrina hebraica.

A primeira se desenvolve em Números capítulos 22 a 24. Nesses três capítulos é-nos contada toda a história de como Balaque tentou persuadir a Balaão para que amaldiçoasse ao povo de Israel, porque temia seu poder; de como lhe ofereceu em cinco ocasiões grandes recompensas se o fizesse. Nesta história, Balaão se nega a ser persuadido por Balaque, mas ao longo da história aparece a cobiça do homem; só o temor ao que Deus pudesse fazer-lhe o protege de estabelecer um convênio terrível com Balaque. Nesta história, Balaão não fez o que Balaque queria que fizesse, mas através do relato se evidencia seu impuro desejo de fazê-lo. Balaão já aparece como um dos mais detestáveis personagens.

Em Números 25 aparece a segunda das histórias. Israel é enganado, entrega-se ao culto de Baal, com tremendas e repulsivas e desgraçadas

conseqüências morais. Conforme lemos umas passagens depois (Números 31:8,16), Balaão foi o responsável por essa sedução, e pereceu miseravelmente porque induziu outros a pecar. À margem desta história composta, Balaão representa duas coisas.

(a) Representa o homem ambicioso que estava disposto a pecar para ganhar recompensas.

(b) Representa o homem perverso, culpado do maior de todos os pecados — o pecado de ensinar outros a pecar. Assim, pois, Judas está falando dos homens ímpios de seu próprio tempo, sempre dispostos a apartar-se dos caminhos da justiça para fazer fortuna, e a ensinar outros a pecar. Pecar para fazer fortuna é mau; mas tirar alguém de sua inocência para ensiná-lo a pecar, é o mais pecaminoso dos pecados.

(3) Em terceiro lugar, o caso de Coré. A história de Coré e seu séquito está relatada em Números 16:1-35. O pecado de Coré consiste em ter-se rebelado contra a autoridade de Moisés, quando os filhos de Arão e a tribo de Levi tinham sido ordenados sacerdotes da nação. Foi uma decisão que Coré não esteve disposto a aceitar, queria exercitar uma função a qual não tinha direito; e quando procedeu dessa maneira pereceu espantosamente, junto com todos os seus companheiros de maldade. Assim, pois, Coré representa o homem que resiste aceitar a autoridade e que procura alcançar aquilo para o qual não tem direito nem lhe corresponde. Judas, pois, está acusando a seus oponentes de desafiar a legítima autoridade da Igreja e, em conseqüência, de preferir seus próprios caminhos aos caminhos de Deus. Devemos lembrar sempre que há coisas que o orgulho nos incita a tomar, mas que não são para nós, e se tomamos, as conseqüências podem ser desastrosas.

DESCRIÇÃO DOS HOMENS ÍMPIOS

Judas 12-16

Esta é uma das grandes passagens de invectivas do Novo Testamento. Aqui arde a indignação moral com sua chama mais ardente

e feroz. Como diz Moffatt: "Céu, terra e mar são explorados em busca de ilustrações do caráter desses homens." Aqui há uma série de imagens pitorescas, cada uma delas com seu significado e sua alusão. Vamos vê-las uma por uma.

(1) São como rochas ocultas que ameaçam fazer naufragar as festas de amor da Igreja. Este é o único caso em que não há dúvida alguma a respeito do que Judas diz. De uma coisa não há nenhuma dúvida: os homens perversos são um perigo nas festas de amor. A festa de amor, o *ágape*, foi uma das mais primitivas manifestações da Igreja. O *Ágape* era uma refeição de comunhão, celebrada no Dia do Senhor. Era uma refeição para a qual todos levavam o que podiam, e em que todos participavam e compartilhavam do mesmo modo. Era uma bela idéia dos cristãos que no Dia do Senhor se sentassem em cada pequena Igreja num lar, para comer todos juntos em comunhão. Sem dúvida, haveria alguns que podiam levar muito, e outros que poderiam contribuir menos. Certamente, para a maioria dos escravos esta seria a única refeição decente em toda a semana. Mas muito em breve o *Ágape* começou a ser prejudicial. Podemos apreciar de que maneira degenerou na Igreja de Corinto, quando Paulo denuncia que as celebrações dos coríntios não eram outra coisa senão divisão; dividiram-se em camarilhas e partidos; alguns tinham muito, e outros quase morriam de fome; e a refeição tornou-se, para alguns, uma farra de bêbados (1 Coríntios 11:17-22). A menos que o *Ágape* seja uma autêntica comunhão, torna-se uma caricatura, e muito em breve começa a desvirtuar o seu nome.

Os opositores de Judas faziam uma caricatura das celebrações fraternais. Mas de que maneira os chama? Diz que são "escolhos nos vossos ágapes" (versículo 12, BJ); e isso concorda com a passagem paralela de 2 Pedro: Eles "são nódoas e manchas" (2 Pedro 2:13, NVI). A RA e a NVI traduzem a expressão de Judas por "rochas submersas". A dificuldade estriba em que Pedro e Judas não empregam a mesma palavra, ainda que se valem de termos sinônimos. A palavra em 2 Pedro é *spilos*, que inquestionavelmente significa uma *mancha*; mas em Judas a

palavra é *spilas*, uma palavra muito rara. É muito provável que possa significar *mancha*, porque no grego posterior pode empregar-se para as manchas e marcas de uma pedra de opala. Mas no grego popular, seu significado mais corrente indica *escolho submerso, ou submerso pela metade, contra o qual um barco pode encalhar facilmente*. Pensamos que o segundo significado é muito mais provável. As festas da fraternidade eram celebrações fraternais; as pessoas estavam estreitamente unidas em seus corações e davam entre si o beijo da paz; e os homens perversos, maus e imorais se valiam dessas celebrações para promover a imoralidade e gratificar suas paixões. Estavam levando essas celebrações fraternais a um nível totalmente desprezível. É algo terrível se os homens entram na Igreja, e se valem das oportunidades que a comunhão da Igreja lhes dá para seus próprios e perversos propósitos. Aqueles homens injustos comportavam-se como escolhos inundados contra os quais a comunhão das celebrações fraternais corria o perigo de naufragar.

O EGOÍSMO DOS HOMENS ÍMPIOS

Judas 12-16 (continuación)

(2) Esses homens maus se divertiam com suas próprias turmas e não manifestavam nenhum sentimento de responsabilidade para com ninguém, salvo para com eles próprios. Estas duas coisas andam juntas, visto que ambas sublinham o essencial egoísmo dos homens perversos.

(a) Divertiam-se com seus próprios cupinchas sem a menor vergonha. Esta é, precisamente, a situação que Paulo em 1 Coríntios condena. Supunha-se que as celebrações fraternais deveriam ser um ato de comunhão; e a comunhão estava demonstrada e garantida pela participação de todos. Em lugar de participar, os homens perversos se mantinham em suas próprias turmas, e se reservavam para eles mesmos tudo o que tivessem. Em 1 Coríntios Paulo continua dizendo que as celebrações fraternais se convertiam em reuniões de amigos em que cada

um arrebatava quanto podia (1 Coríntios 11:21). Ninguém poderá dizer nunca que sabe o que significa a comunhão cristã, se dentro da Igreja permanecer em seu próprio grupinho, e nunca nem sequer procura entrar em comunhão com um círculo mais amplo.

(6) Judas continua: “a si mesmos se apascentam”. Não sentem nenhuma responsabilidade por ninguém, salvo por eles mesmos. O dever do dirigente da Igreja é ser um pastor do rebanho de Deus (Atos 20:28). O falso pastor cuida muito mais de si mesmo que da ovelha que foi entregue a seu cuidado. Ezequiel descreve os falsos dirigentes e aos falsos pastores, que perderão os seus privilégios:

Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina e se tornaram pasto para todas as feras do campo, por não haver pastor, e que os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos e não apascentam as minhas ovelhas, — portanto, ó pastores, ouvi a palavra do SENHOR: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu pastoreio, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto. (Ezequiel 34:8-10).

Assim, pois, Judas condena os egoístas que destroem a comunhão, e ataca a falta de sentido de responsabilidade, de todo sentimento de obrigação e dever para com os outros.

(3) Os homens ímpios são como nuvens sem água, levadas pelo vento, que não despejam nenhuma chuva, e como árvores que em tempos de colheita não têm frutos. Aqui, estas duas expressões andam juntas mais uma vez, porque se referem àquelas pessoas que falam muito, mas que virtualmente não servem absolutamente. Houve épocas na Palestina em que as pessoas oravam por chuvas. Em tais momentos, uma nuvem podia cruzar com o passar do firmamento com a promessa de chuvas. Mas às vezes a promessa de chuvas era só uma ilusão, e a nuvem passava, sem que chovesse. Em tempo de colheita havia árvores que

figuravam como se estivessem carregadas de frutos, mas quando as pessoas se aproximavam para recolher seus frutos, não encontravam nem sequer um. Estas são imagens dos homens que dizem muito, e que fazem belas promessas, mas que, por causa disso mesmo, são totalmente inúteis para a comunidade.

Aqui, no profundo destas reflexões, há uma grande verdade: a promessa sem o cumprimento é algo vão, e no Novo Testamento não há nenhuma outra coisa que se condene com tanta ênfase como a inutilidade. Nenhuma classe de anúncios superficiais, nem de palavras por boas que sejam poderão ocupar o lugar da utilidade para com os demais. A utilidade é uma parte essencial da comunhão; a bondade que não serve absolutamente é uma coisa ilusória. Como alguém disse: "Se um homem não for bom para algo, não é bom absolutamente".

O DESTINO DA DESOBEDIÊNCIA

Judas 12-16 (continuação)

Judas prossegue então empregando uma ilustração muito sugestiva para esses homens injustos. São como “ondas bravias do mar, espumando seus próprios atos vergonhosos”.

A imagem é a seguinte: quando se produz uma tempestade, e quando as ondas castigaram a costa com sua espuma, depois que a tormenta se acalmou e as ondas retrocederam, fica sempre sobre a costa uma franja de algas marinhas e madeiras flutuantes e toda classe de ressaca. Essa é sempre uma cena feia e desagradável de contemplar. Mas há um mar onde a cena resulta mais desagradável que em qualquer outro lugar. As águas do Mar Morto podem converter-se em ondas; e essas ondas arrojam as madeiras flutuantes sobre a margem; mas no caso do Mar Morto ocorre algo muito particular. As águas do Mar Morto estão tão impregnados de sal que secam e carcomem a casca de qualquer planta ou erva daninha ou lenhos flutuantes; e quando são jogadas sobre a praia, brilham ermos e brancos, mais como osso seco e branqueado que

como madeira. As obras dos homens injustos são como essas coisas inúteis e feias que as ondas espalharam sobre a praia depois da tormenta: são como horrendos vestígios de esqueletos das tormentas do Mar Morto.

Judas recorre ainda a outra imagem: os homens perversos são como as estrelas errantes, que jazem ocultas no abismo das trevas por causa de sua desobediência. Esta é uma ilustração tomada diretamente do livro de Enoque. Em tal livro as estrelas e os anjos freqüentemente se identificam; e há uma ilustração da sorte corrida pelas estrelas que desobedeceram a Deus, perderam seu lugar e sua órbita atribuídos e foram destruídas.

Em sua viagem através da terra, Enoque chega a um lugar onde diz "nem sequer um céu nem um firmamento baseado sobre a terra, mas sim um lugar caótico e horrível". E prossegue: "E vi ali sete estrelas dos céus prisioneiras todas juntas, como grandes montanhas ardendo em fogo. Então eu disse: "Por causa do que pecado estão prisioneiras, e por que razão foram arrojadas aqui?" Então disse Uriel, um dos santos anjos, que estava comigo, e que governava sobre elas: "Enoque, por que pergunta, e por que artifícios anseia conhecer a verdade? Estas são as estrelas do céu que tinham transgredido o mandamento do Senhor e estão presas aqui até que dez mil anos, o tempo imposto por seus pecados, esteja consumado" (Enoque 21:1-6). O destino das estrelas errantes é típico do destino do homem que desobedece os mandamentos de Deus e que, assim ocorre, literalmente faz o que muito deseja.

Judas confirma pois tudo isto com uma profecia; mas a profecia é novamente tirada de Enoque. A passagem de Enoque diz: "Eis aqui, Ele vem com dezenas de milhares de seus santos para executar o juízo sobre todos, e para destruir aos ímpios; e para deixar sentenciada a toda carne de todas as obras de sua impiedade que cometeram impiamente, e de todas as coisas duras que os pecadores ímpios disseram dito contra Ele" (Enoque 1:9).

Esta citação suscitou muitos interrogantes com relação a Judas e a Enoque. É indubitável que nos dias de Judas, e nos dias de Jesus, Enoque era um livro judeu muito popular que todos os judeus piedosos conheciam e liam. Ordinariamente, quando os escritores do Novo Testamento desejavam confirmar e garantir suas palavras, citavam do Antigo Testamento, empregando-o como a palavra de Deus. Acaso temos que considerar, pois, a Enoque como Escritura sagrada desde que Judas o empregou da mesma maneira como pôde havê-lo usado algum dos profetas? Ou vamos adotar a posição que tinha Jerônimo, e dizer que Judas não pode ser Escritura, porque comete o erro de considerar como Escritura um livro que, de fato, não é Escritura?

Não precisamos perder muito tempo neste debate. O fato é que Judas, um judeu piedoso, conhecia e valorizava o livro de Enoque, e tinha crescido num ambiente e num círculo onde o livro de Enoque era olhado com respeito e até reverência; e Judas toma sua citação dele com toda naturalidade, sabendo que seus leitores a reconhecerão e a respeitarão. Judas está fazendo, simplesmente, o que todos os escritores do Novo Testamento fizeram, e o que todo escritor deve fazer em qualquer tempo: está falando com os homens num linguagem que eles reconhecem e entendem.

CARACTERÍSTICAS DOS HOMENS ÍMPIOS

Judas 12-16 (continuação)

No versículo 16 Judas assinala três características finais dos homens ímpios.

(1) São *murmuradores*, descontentes sempre com a vida que Deus lhes atribuiu. Nesta imagem usa duas palavras, uma das quais era muito familiar para os leitores judeus, e a outra para os leitores gregos.

(a) Descreve-os com a palavra *goggustes* (*gg* em grego se pronuncia *ng*). A mesma palavra descreve o murmúrio das vozes dos murmuradores descontentes. É a mesma palavra usada freqüentemente

no Antigo Testamento grego para as murmurações dos filhos de Israel contra Moisés, quando os levava através do deserto (Êxodo 15:24; 17:3; Números 14:29). Várias vezes lemos que o povo *murmurou* contra Moisés. A mesma palavra descreve com seu som o grave murmúrio do descontentamento ressentido que se levanta da sombria rebeldia do povo. Esses homens ímpios do tempo de Judas eram a contraparte atualizada dos murmuradores filhos de Israel do deserto, gente cheias de queixas insidiosas contra a vigilância de Deus.

(5) Usa a palavra *mempsimoiros*. Esta palavra provém de duas palavras gregas, *memfesthai*, que significa *culpar*, e *moira*, que designa o destino, ou a sorte que corresponde a *uma* pessoa. Um *mempsimoiros* era uma pessoa que sempre se estava queixando dos problemas da vida em geral. O *mempsimoiros*, era um personagem típico grego.

Teofrasto, que foi o mestre das descrições de personagens gregos, escreveu um zombador estudo caracterológico do *mempsimoiros*, que vale a pena citar em sua totalidade:

"A predisposição a zangar-se é um protesto caprichoso sobre a sorte pessoal. O homem que anda sempre zangado dirá ao que traz uma porção da mesa de seu amigo: 'Você me regateou sua sopa e seus bocados; teria sido melhor que me convidasse para jantar com você em pessoa.' Quando sua mulher o beija, ele lhe diz: 'Eu me pergunto se você me está beijando com todo o seu coração.' Está descontente com Zeus, não porque não envia chuva, mas sim porque demorou muito em mandá-la. Se encontrar uma bolsa na rua, ele exclama: 'Ah, mas nunca encontrei um tesouro!' Se tiver comprado um escravo barato depois de ter causado muita chateação ao vendedor, ele pensa: 'Eu me pergunto se esta pechincha sairá bem.' Quando lhe trazem a boa notícia de que lhe nasceu um filho, ele diz: 'Se eu acrescentasse que perdi a metade de minha fortuna, diria a verdade.' Se este homem ganhar um pleito por um veredicto unânime, ele certamente encontrará erros no testemunho de sua defesa, pois omite muitos argumentos. E se tiverem feito uma assinatura para ele entre seus amigos e alguém deles lhe diz: Agora você pode se alegrar!, ele dirá: 'O que?...

quando devo pagar a cada um por sua parte e estarei obrigado a agradecer o favor?..."

Aqui está, vividamente traçada pela pena sutil de Teofrasto, a descrição de um homem que sempre tem algo do que se queixar em qualquer situação. Sempre pode encontrar alguma falta no melhor dos negócios, no mais amável dos gestos, no mais belo evento, na melhor das sortes. É um murmurador crônico "Grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento" (1 Timóteo 6:6); mas este tipo de homens está cronicamente desconforme com a vida e com o lugar que Deus lhe atribuiu na vida. Há muito pouca gente mais impopular que os murmuradores crônicos, e todos eles deveriam lembrar que a murmuração é em si mesma um insulto a Deus, quem atribuiu a cada um seu vida.

(2) Judas reitera algo a respeito desses homens injustos, como o tem feito em ocasiões anteriores: sua conduta está governada por seus desejos. Para eles o domínio próprio e a auto-disciplina nada são; para eles a lei moral é uma carga pesada e fastidiosa; para eles a honra e o dever nada significam; não manifestam nenhuma disposição de serviço nem nenhum sentido da responsabilidade. Seu único valor é o prazer, e a única coisa que os motiva é o desejo. Imaginemos que caos sobreviria se todos fossem iguais que essas pessoas.

(3) Falam com soberba e com arrogância e, entretanto, ao mesmo tempo estão dispostos a adular e ajudar os grandes e importantes quando pensam que podem obter algum proveito. É perfeitamente possível que uma pessoa se mostre ao mesmo tempo empolada com as pessoas às quais deseja impressionar, e lisonjeira com aqueles que considera importantes. Os rivais de Judas falam aparatosamente de si mesmos ou lisonjeiam a outros, segundo o demanda a ocasião, e seus descendentes estão acostumados a achar-se às vezes entre nós.

AS CARACTERÍSTICAS DO ERRO**Judas 17-19**

Judas diz a seus leitores que não ocorreu nada que eles não tivessem podido esperar. Os apóstolos tinham advertido que nos tempos futuros apareceriam homens ímpios como os que precisamente agora se manifestam entre eles. Literalmente, as palavras da citação que Judas emprega não figuram em nenhum dos livros do Novo Testamento. Judas pôde ter procedido de alguma destas três maneiras. Pode estar citando de algum livro apostólico que se perdeu e que nós desconhecemos. Pode estar citando, não necessariamente de algum livro, mas sim de uma tradição oral da pregação apostólica que se tinha preservado, ou acaso de algum sermão que ele mesmo tenha ouvido dos apóstolos. Pode estar nos dando o sentido geral de uma passagem como 1 Timóteo 4:1-3. Em qualquer dos casos, Judas diz a seus irmãos que na Igreja só eram de esperar-se erros. Graças a esta passagem podemos conhecer algumas características daqueles homens ímpios.

(1) Escarnecem da bondade, e sua conduta está governada *por seus próprios maus desejos*. As duas coisas andam juntas. Aqueles opositores de Judas tinham duas características, como já vimos. Criam que só o espírito era bom, e que a matéria era essencial e totalmente má. Isso significava que o corpo é inteiramente mau; e isso poderia empregar-se para argumentar que não importa o que a pessoa faça com seu corpo; o corpo não tem nenhuma importância, e em conseqüência, não faz nenhuma diferença se um homem o entrega a seus apetites e sacia seus desejos e sua glotonaria. O que se faz com seu corpo — diziam eles — não tem nenhuma importância. Mais ainda: diziam que desde que a graça pode perdoar qualquer pecado, o pecado tampouco tem importância. Se um homem pecar, ali sempre está a graça. O pecar oferece à graça uma oportunidade para manifestar-se; portanto, e mais uma vez pecar não tem importância. Ora, a isto devemos agregar uma terceira característica desses hereges. Eles se criam pensadores de vanguarda, criam que

estavam à dianteira de qualquer outro pensador. E consideravam aqueles que criam e observavam as pautas morais, como limitados, antiquados e desatualizados. Tinham deixado atrás a pureza, a castidade e a moralidade; e aqueles que se preocupavam com tais coisas e as consideravam de importância, estavam vivendo num nível intelectual e religioso inferior.

Esse ponto de vista não desapareceu de modo algum. Há ainda aqueles que crêem que as normas aceitas de moralidade e fidelidade, especialmente em matéria sexual, são totalmente antiquadas. Há aqueles que não duvidam em entregar-se à promiscuidade.

Kingsley Martin, escrevendo num simpósio intitulado *O que é que eu creio?*, tem muito a dizer a respeito da moderna relação entre os sexos do seu ponto de vista. O antigo código — diz — fundamentava-se em duas crenças: a crença de que as relações sexuais servem para gerar e conceber filhos, e a necessária dependência da mulher. Prossegue dizendo que uma vez que as mulheres se fizeram independentes e conquistaram o direito de ganhar a vida, e uma vez que os métodos anticoncepcionais se desenvolveram e aperfeiçoaram, as antigas normas de moralidade sexual são antiquadas e devem ser abandonadas. Escreve: "O resultado em nosso tempo é um novo código sexual... O novo código tende a tornar aceitável o fato de que homens e mulheres possam viver juntos como querem, mas exigir-lhes o casamento se decidem ter filhos". Em outras palavras, as relações sexuais ilimitadas são perfeitamente aceitáveis como pauta moral, enquanto não conduzam ao casamento nem engendrem filhos. Eis aqui uma "moralidade" atualizada que põe a castidade e a pureza entre as coisas que foram superadas.

Nos dias de Judas havia aqueles que consideravam-se além das normas aceitas e olhavam depreciativamente aos que ainda observavam as velhas leis; consideravam-nos fora das idéias e costumes da época, antiquados e passados de moda. Mas há um texto terrível no Antigo Testamento: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Salmo 53:1). Deva notar-se que nesse texto a palavra *insensato* não se refere ao

insensato intelectual, ao de escasso conhecimento, mas sim ao insensato moral, ao homem que, em termos modernos se faz de bobo. E o fato que diga que não há Deus deve-se totalmente à sua fantasia. Ele sabe que no caso de haver um Deus, ele está em mau caminho e que pode esperar o juízo; portanto, elimina a Deus. Em última análise, os que eliminam a lei moral, os que dão rédea solta a suas paixões e desejos, os que dizem que a lei moral é antiquada, procedem assim porque querem fazer o que desejam. Ouviram a si mesmos em lugar de ouvir a Deus, e esqueceram que virá o dia em que forçosamente terão que ouvir a Deus.

AS CARACTERÍSTICAS DO ERRO

Judas 17-19 (continuação)

(2) Estes homens maus têm uma segunda característica. *Causam divisões*: são criaturas carnis, desprovidas do Espírito. Aqui é preciso notar algo muito significativo: causar divisões dentro da Igreja é sempre um pecado. Ser responsável por divisões dentro da Igreja é transgredir necessariamente a vontade e os propósitos de Deus. Estes homens causavam divisões de duas maneiras.

(a) Como já vimos, até nos ágapes tinham suas próprias pequenas camarilhas. Por sua conduta estavam destruindo progressivamente a comunhão dentro da Igreja. Estavam traçando um círculo para excluir os homens, em lugar de fazer isso para abrangê-los. O exclusivismo é sempre um pecado, e em nenhuma parte é mais pecaminoso que no que deveria ser a comunhão cristã.

(b) Mas iam ainda mais longe. Houve alguns pensadores na Igreja primitiva que com sua maneira de olhar a natureza humana ocasionavam uma radical divisão entre um homem e outro, divisão que básica e essencialmente separava os homens em duas classes. Para entender isto devemos saber algo da psicologia dos gregos, algo da maneira comum que tinham de ver a natureza humana. Para o grego, o homem era corpo (*soma*), alma (*psyque*) e espírito (*pneuma*). O significado da palavra

corpo é óbvio; o corpo é simplesmente a construção e constituição física do homem.

A palavra alma (*psyque*) é mais difícil de entender porque os gregos a empregavam de uma maneira que nos é desconhecida. Para os gregos a *alma*, *psyque*, era simplesmente a *vida física*. Tal como vimos, todas as coisas que vivem e respiram têm *psyque*. Não só os homens têm *psyque*; um animal tem *psyque*, e até se pode dizer que uma planta também tem *psyque*. *Psyque*, então, é só o princípio da vida física. O *pneuma*, *espírito*, é muito diferente; o *pneuma* pertence só ao homem, e é aquilo que faz dele uma criatura inteligente, próxima a Deus, capaz de falar a Deus, e capaz de ouvir o que Deus lhe diz.

Agora, estes pensadores argumentavam da seguinte maneira: todos os homens possuem *psyque*, vida física; mas bem poucos realmente possuem *pneuma*, espírito. Unicamente os verdadeiros intelectuais, unicamente uns poucos, a *elite*, possuem *pneuma*; e, portanto, só bem poucos poderiam alcançar a verdadeira religião e o verdadeiro conhecimento de Deus. O resto deveria contentar-se transitando os mais baixos níveis da experiência religiosa, porque era a única coisa de que eram capazes.

Vemos que desta maneira dividiam o homem em duas classes. Havia os *psyquikoi*, que eram seres vivos, mas intelectual e espiritualmente mortos e, por assim dizer, sem nenhuma possibilidade de superação. Poderíamos chamá-los *criaturas carnis*; tudo o que possuem é vida na carne e no sangue; o progresso intelectual e a experiência espiritual são inalcançáveis para eles. Havia os *pneumatikoi*, as pessoas que realmente dispunham de espírito, as pessoas capacitadas com um conhecimento intelectual autêntico, um real conhecimento de Deus e uma verdadeira experiência espiritual. Surgia assim uma radical divisão e separação: uma espécie de aristocracia intelectual e espiritual contra o povo comum.

Mais ainda, estas pessoas que se consideravam os *pneumatikoi*, a aristocracia intelectual e espiritual, criam que se encontravam isentas de

cumprir todas as disposições comuns que regulavam a conduta de um homem. O povo comum, a massa, poderia ter que observar as leis morais e os costumes aceitos, mas eles estavam acima disso. Para eles o pecado não existia; tinham avançado tanto que poderiam fazer qualquer coisa sem manchar-se, e não ser piores por isso. Bem podemos lembrar que ainda há aqueles que crê estar acima das leis, que quando vêem o que sucede a outros, pensam no íntimo de seus corações que tais coisas jamais lhes ocorrerão, que pensam que sempre, para usar uma expressão comum, poderão sair-se bem. Ainda há pessoas como essas.

Agora podemos ver com que habilidade Judas trata essas pessoas. Estes pretensos intelectuais e aristocratas espirituais dizem que o resto das pessoas são *psyquikoi*, meramente carnais, enquanto que eles são os *pneumatikoi*, os verdadeiramente espirituais. Judas toma as palavras e as inverte; inverte a descrição. "São vocês", diz-lhes duramente, "os que são os *psyquikoi*, os carnais e dominados pela carne; ocorre que nenhum de vocês possui *pneuma*, nem conhecimento real nem experiência de Deus". Judas está dizendo a essas pessoas que, embora pensem de si mesmos que são as únicas pessoas verdadeiramente religiosas, não têm religião alguma. Crêem-se superiores, mas sua superioridade é uma ilusão e uma armadilha. Aqueles aos quais desprezam são, de fato, muito melhores que eles.

A verdade a respeito dos assim chamados intelectuais e espirituais era que desejavam pecar, e faziam da religião uma justificação para o pecado.

AS CARACTERÍSTICAS DA BONDADE

Judas 20-21

Assim como nas passagens anteriores Judas descreve as características do erro, aqui descreve as características da bondade.

(1) O homem bom edifica sua vida sobre o fundamento da santíssima fé. A vida do cristão está fundada sobre a fé. Isto significa dizer que a vida do cristão fundamenta-se, não em algo que ele mesmo

construiu, mas sim sobre algo que recebeu. Há uma escala e uma cadeia na transmissão da fé. A fé passou de Jesus Cristo aos apóstolos, dos apóstolos à Igreja e da Igreja a nós. Aqui há algo tremendo. Significa que a fé que nós temos não é simplesmente a opinião pessoal de alguém; é uma revelação que veio de Jesus Cristo, e que é preservada e transmitida dentro de sua Igreja, sempre sob o cuidado e a condução do Espírito Santo, de geração em geração. O homem sensato baseia sua vida, não sobre as incertas opiniões de alguém, nem sobre fantasias do pensamento de alguém, nem sobre alguma heresia transitiva ou local, mas sim sobre a revelação que provém de Jesus Cristo, e que é preservada para sempre na Igreja, enquanto a Igreja for sensível e obediente à inspiração do Espírito Santo.

Essa fé é uma *santíssima fé*. Várias vezes vimos o significado da palavra *santo*. O significado de sua raiz é *separar ou diferenciar*. O *santo* é *diferente* das outras coisas, como o sacerdote é diferente dos outros homens, o templo diferente dos outros edifícios, o sábado diferente dos outros dias, e Deus supremamente diferente dos homens.

Nossa fé se diferencia em dois aspectos.

(a) É diferente das outras fés e filosofias pelo fato de não se tratar de uma obra de homens, mas sim de uma dádiva de Deus; não é uma opinião, mas uma revelação. Não é conjectura, é certeza.

(b) É diferente das outras fés porquanto tem poder para tornar diferentes os que crêem. Não apenas se trata de uma mente mudada, mas também de uma vida mudada. Não apenas é uma crença intelectual, mas também uma dinâmica moral. A fé cristã é diferente porque é em si mesma a revelação única, e porque em seus efeitos sobre os outros é um poder único.

(2) O homem sensato é um homem de *oração*. Isto se expressou desta maneira: "A autêntica religião significa *dependência*". A essência da religião é a realização e a admissão de nossa total dependência de Deus; e a oração é o reconhecimento de nossa dependência de Deus e a busca de Deus para que nos ajude em nossas necessidades. Moffatt tem

uma magnífica definição: "A oração é o amor em necessidade indo ao amor em poder".

O cristão deve ser um homem de oração ao menos por duas razões:

(a) Sabe que deve provar todas as coisas pela vontade de Deus e, em consequência, levar a Deus todas as coisas para sua aprovação.

(b) Sabe que nada pode fazer por si mesmo, mas que para Deus tudo é possível e, em consequência, deve sempre submeter sua insuficiência à suficiência de Deus.

A oração — diz Judas — deve ser *no Espírito Santo*. Quer dizer o seguinte: nossas orações humanas, ao menos algumas vezes, são limitadas pelo egoísmo e a cegueira. Só quando o Espírito toma posse totalmente de nós é quando nossos desejos se esclarecem e purificam e nossa oração se torna correta. A verdade é que como cristãos estamos obrigados a orar a Deus, mas que só Deus pode nos ensinar como orar e o que pedir.

(3) O homem bom é aquele que permanece *no amor de Deus*. O que Judas tem aqui em mente é a comunhão da antiga aliança entre Deus e seu povo, tal como é descrito em Êxodo 24:1-8. Na aliança, Deus se aproxima de seu povo para prometer que ele será o seu Deus, e eles serão seu povo; mas essa comunhão dependerá de o povo aceitar e obedecer a lei que Deus lhe der. Se pensam manter-se na relação da aliança, deverão guardar-se em obediência a Deus. "O amor de Deus" — comenta Moffatt — "tem seus próprios termos de comunhão". Em certo sentido é verdade que nós jamais poderemos desviar do curso do amor e o cuidado de Deus, mas também é certo que, se desejamos nos manter em estreita e íntima comunhão com Deus, devemos dar a Deus o perfeito amor e a perfeita obediência, que devem andar sempre juntos.

(4) O homem bom é o homem que aguarda com expectativa. Aguarda a vinda de Jesus Cristo em graça, amor e poder, porque sabe que o propósito de Jesus Cristo para ele é conduzi-lo e levá-lo à vida eterna, que não é outra coisa que a vida do próprio Deus .

RESGATANDO OS PERDIDOS**Judas 22-23**

Mencionemos simplesmente que diferentes tradutores dão distintas traduções desta passagem. A razão é que existem muitas dúvidas com relação a qual é o verdadeiro texto grego. Até para o pior herege, até para o mais errado, até para aqueles cujas crenças são mais perigosas e ameaçadoras, o cristão tem uma obrigação imperiosa. O dever do cristão deve ser sempre não destruir mas sim salvar a todo homem. Seu dever deve ser não expulsá-lo da Igreja cristã mas sim recuperá-lo para a comunidade cristã. Sua meta não deve ser não ter nada a ver com eles, mas sim estabelecer com eles relações nas quais possa atraí-los de novo à verdade e a Cristo.

James Denney disse, para simplificar a questão, que Jesus vem para tornar bons os homens maus.

Sir John Seeley disse: "Quando o poder de resgatar os perdidos desaparece da Igreja, acaba-se a Igreja". Conforme tomamos esta passagem, Judas divide os agitadores da Igreja em três classes, para cada uma das quais se faz necessário um enfoque diferente.

(1) Há aqueles que está flertando com o engano e brincando com fogo. São aqueles que são obviamente atraídos pelos maus amigos, que estão à beira da heresia destruidora que estão a ponto de cair no erro mas que ainda duvidam, que ainda vacilam, e que ainda não deram o último passo. Estes devem ser convencidos e se separados do erro enquanto ainda há tempo. Disto surgem como um dever duas coisas:

(a) Devemos capacitar-nos para estar em condições de defender a fé, para dar razão da esperança que há em nós, para recomendar nossa fé a outros. Devemos saber o que é que nós mesmos cremos, para poder confrontar o erro com a verdade e as heresias com o caminho reto. E devemos fazer-nos tais que possamos defender a fé de tal modo, que com nossa gentileza e sinceridade possamos persuadir a outros. Para obtê-lo devemos desterrar toda insegurança de nossos espíritos e toda arrogância

e intolerância em nossa aproximação de outros. Devemos ter uma fé resolvida e simpatia para defender e recomendar nossa fé.

(b) Devemos estar preparados para falar a tempo. Muitas pessoas teriam sido salvas do erro de pensamento e ação se somente alguém lhes tivesse falado a tempo. Às vezes vacilamos em falar, mas há ocasiões, e são muitas, em que o silêncio é uma covardia e quando guardar silêncio pode causar mais dano que falar. Uma das maiores tragédias da vida ocorre quando alguém se aproxima de nós e diz: "Nunca teria estado nesta dificuldade, se só alguém — se você — me tivesse falado".

(2) Estão aqueles que, por assim dizer, devem ser arrebatados do fogo. Os que se perderam no erro, que verdadeiramente tropeçaram no mau caminho; devem ser detidos, forçosamente, e até contra sua própria vontade. Devem ser arrancados da situação que eles mesmos criaram. Está certo dizer que devemos respeitar a liberdade de cada um, de maneira que cada um seja livre para tomar suas próprias decisões, pois tem direito de fazer o que gostam. Tudo isto é em certo sentido legítimo, mas há ocasiões para a ação quando um homem deve ser até forçosamente salvo de si mesmo.

(3) Há aqueles dos quais devemos sentir compaixão e temer ao mesmo tempo. Aqui Judas está pensando em algo que sempre é verdade. Há perigo para o pecador; mas também o há para aquele que o resgata. Quem quer curar uma enfermidade infecciosa sempre enfrenta o risco da infecção.

Judas diz que devemos detestar *até a roupa contaminada pela carne*. É muito provável que esteja pensando aqui nas prescrições de Levítico 13:47-52, onde diz-se que a vestimenta usada por uma pessoa que fosse confirmado estar leprosa, devia ser lançada no fogo. O velho ditado segue sendo certo: devemos amar o pecador, mas odiar o pecado. Antes que alguém possa resgatar outros, deve afirmar-se ele mesmo na fé. Seu próprio pé tem que estar firme na terra seca antes de poder arrojá-lo um salva-vidas ao homem que está a ponto de ser arrastado pelas águas; deve tornar-se um hábil nadador antes de poder salvar a outros que estão

em perigo de afundar-se no erro. A simples realidade é que o resgate dos que estão no erro não é empresa para qualquer um. Os que querem conduzir outros a Cristo devem eles próprios estar muito seguros de Cristo; e os que querem lutar contra a doença do pecado devem possuir o forte anti-séptico de uma fé sadia. A ignorância não pode ser enfrentada com ignorância, nem sequer com um saber pela metade: só a pode enfrentar o homem que está em condições de dizer "Eu sei em quem tenho crido".

DOXOLOGIA FINAL

Judas 24-25

É provável que estes sejam os únicos dois versículos de Judas que muita gente conhece. Judas chega no final de sua Carta com esta magnífica expressão de louvor.

Três vezes no Novo Testamento dá-se louvor *Àquele que é poderoso*. Em Romanos 16:25 Paulo dá louvores ao Deus “que é poderoso para vos confirmar”. Deus é a única pessoa que pode nos dar um fundamento para a vida que ninguém nem nada pode sacudir. Em Efésios 3:20 Paulo dá louvores “àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos”. Deus é o Deus cuja graça jamais se esgotou para ninguém, e a quem nunca poderemos pedir muito.

Judas oferece aqui, mais uma vez, seu louvor ao Deus que é poderoso.

(1) Deus é poderoso para nos guardar de cair. A palavra é *aptaistos*. Aplica-se tanto ao andar seguro de um cavalo que jamais tropeça como ao homem que por ser um homem bom não cai no erro. “Ele não permitirá que os teus pés vacilem” (Salmo 121:3). Caminhar com Deus é caminhar em segurança até na senda mais perigosa e escorregadia.

Os escaladores de montanhas estão atados com cordas uns aos outros, de maneira que se algum escalador principiante e inexperiente

escorrega, o mais hábil pode sustentá-lo e salvá-lo. Da mesma maneira, quando nos aferramos a Deus, Ele nos protege.

(2) Ele pode nos apresentar sem mancha na presença de sua própria glória. A palavra traduzida *sem mancha é amomos*. Esta é uma expressão caracteristicamente sacrificial, e freqüentemente empregada em sentido técnico para referir-se ao animal que carece de defeitos ou de manchas, e em conseqüência é apto para ser devotado aos deuses. O assombroso é que quando nos submetemos a Deus, sua graça pode fazer de nossas vidas nada menos que um sacrifício apto para ser oferecido a Ele.

(3) Ele pode nos apresentar em sua presença *com grande alegria*. Certamente a maneira espontânea de pensar a respeito da entrada na presença de Deus é entrar com temor e tremor, em vergonha e ignomínia. Mas graças à obra de Jesus Cristo, e pela graça de Deus, sabemos que podemos ir a Ele com avidez e alegria e despojados de todo temor. Mediante Jesus Cristo, chegamos a conhecer a Deus, o Juiz severo, como o Pai amoroso.

Podemos assinalar uma última coisa. Comumente associamos a palavra *Salvador* a Jesus Cristo, mas aqui Judas refere esta palavra a Deus. Judas não é o único em referi-la assim, visto que freqüentemente no Novo Testamento Deus é chamado Salvador (Lucas 1:47; 1 Timóteo 1:1; 2:3; 4:10; Tito 1:3; 2:10; 3:4).

De modo que, terminamos com a grande e confortante certeza de que muito além de todas as coisas há um Deus cujo nome é Salvador. O cristão tem a alegre certeza de que neste mundo vive no amor de Deus, e que na vida vindoura vai em direção do amor de Deus. O amor de Deus é ao mesmo tempo o âmbito e a meta de toda a sua vida.